325.3815
Z2 75c

1º CENTENÁRIO DA
IMIGRAÇÃO ESTRANGEIRA
NO VALE DO MUCURI
CORREIOS-15-JUL-56
TEOFILO OTONI-MG.

100 anos de Colonização Alemã

em TEÓFILO OTONI

Minas Gerais

BREVE HISTÓRICO

adaptado ao vernáculo pelo Pastor Anselm Schueler
e por Libório Zimmer
segundo um original em língua alemã de Max Rothe,
todos residentes em Teófilo Otoni.

1856 — 1956

1º CENTENÁRIO DA
IMIGRAÇÃO ESTRANGEIRA
NO VALE DO MUCURI
CORREIOS-15-JUL-56
TEOFILO OTONI-MG.

Z2 75/c 3
7725/00

Preâmbulo

Transcorrendo no presente ano, o Centenário da chegada dos primeiros imigrantes teutos, a Teófilo Otoni, me propuz coletar dados para redigir uma crônica dêsse evento, tarefa sem dúvida bastante árdua, mormente levando-se em conta que muitos, e quiçá os mais importantes, documentos da imigração já não existirem; ou porque fossem destruidos por ocasião da última conflagração mundial, ou porque, desconhecendo-lhes o valor histórico, muitos dos primeiros descendentes não os tivessem preservado.

Não temos a veleidade de dizer perfeito, o nosso trabalho, pois o documentário cumpulsado, apresenta várias imperfeições, tanto no que se refere à datas, como na grafia de nomes dos primeiros imigrantes. Assim por exemplo, encontramos as datas de 27 de Junho de 1856 e 23 de Julho de 1856, para assinalar o início da colonização em Teófilo Otoni. Um acurado estudo nos documentos existentes, revelou que o dia 27 de Junho, assinala o desembarque dos primeiros colonos, no pôrto de Santa Clara, ao passo que o dia 23 de Julho, marca a chegada dos mesmos à Filadélfia.

Além disso, houve várias levas menores ou vindas individuais não documentadas, razão por que muitos descendentes não vêem os nomes de seus ancestrais figurando na relação dos primeiros imigrantes.

Que as imperfeições do presente trabalho estimulem a todos os possuidores de documentários daquela época, e a todos os que conhecem fatos importantes dêsse tempo, a apresentá-los, visando a confecção, num futuro próximo, de uma obra mais completa sôbre tão importante acontecimento para esta região.

Nossos antepassados pisaram o solo brasileiro, dispostos a empenhar seu vigor físico e seus conhecimentos práticos e técnicos na edificação da pátria que tão generosamente os acolheu.

Decidiram por isso, enquadrar-se perfeitamente dentro das leis, usos e costumes do Brasil, se bem que trouxessem ainda viva a saudosa

memória da pátria distante de seus ancestrais. Não há povo que não cultue seus antepassados. E disso é prova caraterística a conservação e uso ainda hoje, do idioma e de certas particularidades do "modus vivendi" alemão.

As raças teutônica e luso-brasileira, fundiram-se maravilhosamente bem, produzindo uma sociedade harmônica e progressista. Tamanha foi a integração das gerações mais novas na vida brasileira, que muitos descendentes teutos conservam de sua origem apenas a grafia do nome. Apesar dessa integração quase total, não é vaidade afirmar, que a bela "Princesa do Nordeste Mineiro", em grande parte, deve o seu esplendor e a sua pujança atuais, ao espírito pioneiro daquêles que há 100 anos passados, vararam destemidos, os rincões, os rios, as florestas; venceram serras; e afrontaram a própria morte, insuflados pelo ideal altivo de transformar florestas em cidades; torrentes fluviais em energie e encostas íngremes, em florescentes cafezais.

Os resultados que aí estão, provam que o saudoso estadista do Império — Teófilo Benedito Otoni, era homem de larga visão, quando por todos os modos persuadia e alentava aos imigrantes em luta com as mais duras adversidades, a que não recuassem em sua marcha de desbravadores do sertão.

Os resultados que aí estão, são testemunho eloquente da fidelidade com que se houveram nossos antepassados à nova pátria.

Eles não trabalharam para viver; viveram para trabalhar.

Os resultados que aí estão, dizem enfim, o quanto são êles merecedores, pois de nossa gratidão e de nossas mais efusivas homenagens das quais uma, é esta despretenciosa crônica.

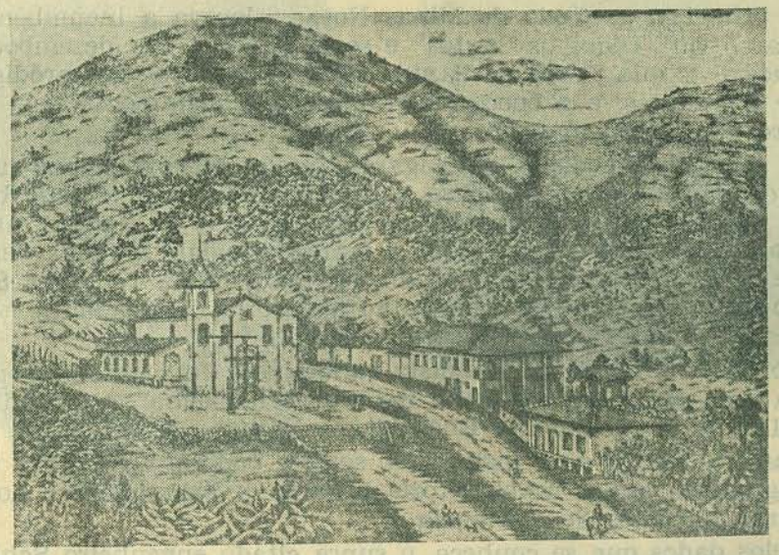
O AUTOR

Ao lado:
"Theophilo Benedicto Ottoni", Fundador da cidade de Teófilo Otoni.

Em baixo:
A casa onde nasceu Theophilo B. Ottoni, em Serro.

Nebenstehend:
"Theophilo Benedicto Ottoni", der Gruender des heutigen Teófilo Otoni.

Unten:
Das Geburtshaus Theophilo Ottoni's in Serro.



Fundação da Cidade de Teófilo Otoni e dos diversos núcleos coloniais alemães

"Extraido de anotações manuscritas do sr. Bruno Marx)

No ano de 1847, Teófilo Otoni projetou ligar o nordeste mineiro com o litoral do Brasil, atravéz da densa floresta, dos chapadões e serras que acompanham a costa brasileira de norte a sul. Para êsse fim, organizou duas grandes expedições. Uma delas partiria de Santa Cruz do Rio Preto, e a outra, sob a sua direção pessoal, avançaria Mucuri acima. Santa Clara é o local onde essas duas expedições se encontraram. — Estava vencida a primeira etapa.

Em 1851, Teófilo Benedito Otoni, fundou no Rio de Janeiro a "Companhia Mucurí", a qual haveria de organizar o transporte fluvial e terrestre, bem como localizar e explorar as glebas férteis da região.

Em 1852 organizou mais duas expedições, objetivando penetração mais profunda no hinterland do nordeste mineiro.

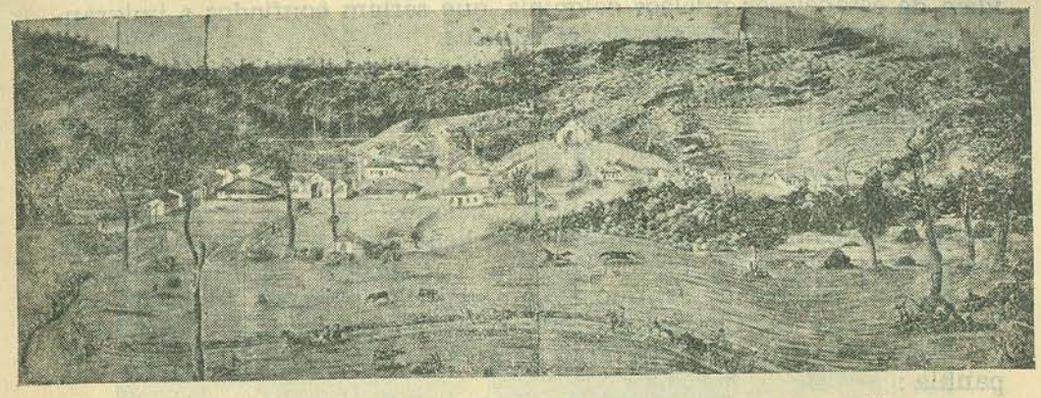
A primeira, partindo de Minas Novas, levava a incumbência de localizar o rio "Todos os Santos" e seguí-lo até a sua desembocadura no Mucurí. É que Todos os Santos tinha a fama de ser pródigo em ouro e diamantes, e a época se caracterisava justamente pela "febre de ouro e diamantes".

A segunda expedição, em igaras, remou Mucurí acima até ao pôrto de Santa Clara. Daí para diante, Teófilo Otoni e seus bandeirantes viram-se na contingência de prosseguir a pé, porque as cachoeiras e correntezas impediam o tráfego fluvial. No lugar em que as duas expedições se encontraram, à margem de Todos os Santos, Teófilo Benedito Otoni fundou então a feitoria de Filadélfia. Nascia sob êsse topónimo a nossa Teófilo Otoni.

Por determinação do estadista-bandeirante foi balisada a primeira rua pelo engenheiro alemão Roberto Schlobach. É a tradicional "Rua Direita", oficialmente Rua Getúlio Vargas.

Êsses pioneiros nem mesmo em sonhos poderiam prever o impulso progressista que a novel feitoria haveria de experimentar nos seus primeiros 100 anos de existência.

Pelos dados que se conhece, o supra citado engenheiro Schlobach e um certo Otto Voigt, auxiliares diretos de Teófilo B. Otoni, aporta-



Philadelphia, hoje Teófilo Otoni, segundo uma pintura de Albert Schirmer, do ano de 1860.

Philadelphia, das heutige Teófilo Otoni, im Jahre 1860, nach einem Gemaelde von Albert Schirmer.

Bruno Marx.

Ao lado:
O engenheiro alemão Roberto Schlobach.

ram aqui em março de 1853, podendo assim ser considerados os primeiros alemães aqui chegados.

A partir daí, o estadista-colonizador abraçou com entusiasmo a idéia de estabelecer núcleos coloniais, que seriam confiados a imigrantes europeus, particularmente germânicos.

Um dos passos decisivos nesse sentido, foi sem dúvida o apôio que o Govêrno Imperial assegurou ao empreendimento. Redobrou-se o ímpeto progressista. Já em 1854 erguiam-se grandes armazéns em Filadélfia e Santa Clara, e procedia-se à abertura da estrada, que quatro anos mais tarde acabaria de ligar êsses dois povoados.

Em 1856 chegavam os primeiros colonos suiços e alemães, como conseqüência do anúncio mandado publicar nos jornais da Alemanha pela Firma Schlobach e Morgenstern, por ordem de Teófilo Otoni, convidando colonizadores, que teriam aqui amparo em todos os sentidos por parte da "Companhia Mucurí". Era o dia 23 de julho de 1856.

Esta primeira leva está assim relacionada nos arquivos da Companhia :

Alemães

Sausmikat, Johann
Doerl, J. Wilhelm
Kirsten, Hermann
Borner, Gottlieb
Tomas, Adolf
Hoppe, G. W.
Mueller, Georg
Laube, G.
Hirle, August
Wittig, Ernst
Pfeiffer, A.
Roedel, Friedrich
Riese, Huhn, Friedrich
Dammasch, Wilhelm
Braun, Christian
Thomas, Wilhelm
Krauser, Karl
Schulz, Wilhelm
Weberling, A.
Krom, Wilhelm
Scott, H.
Rosenberg, Brueder
Sommerlate, Karl
Friecke, H.
Busch, Hugo
Franz, Gottfried
Horn, F. A.
Baldow, G. J.
Lindner, E. F.
Kuhnert, Wilhelm
Rausch, G. Friedrich
Goetz, Michel
Brauer
Preiffer, Johann G.
Paschke, Gottfried
Schmalz, Johann
Neumann, Gottlieb
Kirsten, Adolf
Brachwitz, G.
Schaper, A.
Schildt, H.
Wespermann H.
Warnbuhler, Baron

Suiços

Weyer, Michel
Strassen, Peter
Huber, Zeno
Boehler, Fridolin
Zimmer, Valentim
Boeschesten, Ferdinand
Martin, Rudolf
Salzmann, G.
Kern, Friedrich
Ries, Abraham
Wirz, Jakob

Da esquerda para a direita (von l. nach r.): Friedrich Marx, Franz Knuepfer, Franz Albert, Albert Schirmer.

Ferdinand Schroeder.

Julius Haueisen.

Em 1857 veio uma segunda leva de imigrantes, cuja relação, conhecida parcialmente, é a seguinte:

Klaus	Pfaff
Langhammer	Drechsel
Rudolf	Trost
Juenger (Younger)	Guisart (francês)
Burmann, Friedrich Anton	

Mal chegados os primeiros imigrantes, a Companhia lhes confiou um empreendimento comum: trabalhar na estrada que ligaria Filadélfia com Santa Clara.

Só depois de acabada esta obra (1858), cada qual podia tomar posse de sua cota de terras distribuidas nas bases que se seguem: todo imigrante recebeu uma extensão de terras com as seguintes dimensões: 220 mts. de frente por 3.300 mts. de fundos, ou sejam exatamente 15 alqueires.

Quanto à localização, observou-se o critério seguinte: aos colonos alemães foram destinadas as terras adjacentes aos córregos de São Benedito e São Jacinto, onde até hoje estão radicados muitos dos seus descendentes.

Aos colonos suiços e alsacianos foram cedidas as terras ao longo do rio S. Antônio.

Os holandezes, franceses e belgas foram domiciliados às margens do Urucú. Desconhecem-se dados pormenorisados sôbre a imigração de franceses, belgas, holandeses e alsacianos.

Sabe-se apenas que, em 1858, Teófilo Benedito Otoni patrocinou a vinda de um grupo de 300 pessoas mais ou menos (na maioria holandeses e alsacianos) que se radicaram em Santa Clara. A maioria porém, dessas vidas, foi em breve ceifada pela febre (malária e tifo). Os que escapavam, tomavam pressa para alcançar o Rio de Janeiro, ou então o extrêmo meridional do Brasil: o Rio Grande do Sul.

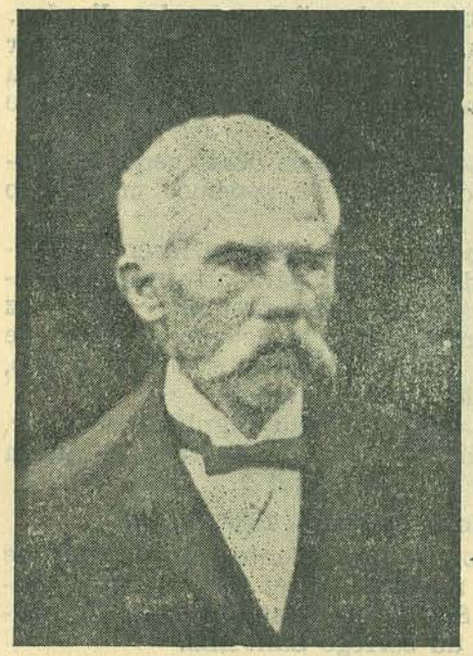
Os que não dispunham de recursos para tais viagens, entre êles algumas crianças órfãs, como por exemplo Hubert e Reichardt, juntaram-se aos colonos de Filadélfia.

Como já foi dito, êsses remanescentes não estão catalogados, mas não cabe dúvida, são alemães, franceses e belgas os antepassados de grande número de famílias aqui residentes.

Nesta época — 1858 — Filadélfia já acusava uma população de 600 habitantes, 129 casas residenciais, na maioria construções rudimentares e simples, e 12 estabelecimentos comerciais.

Um grande êxodo

Nesse tempo, a florescente Filadélfia sofria rude golpe com o êxodo de grande parte de seus primitivos habitantes, assustados com as epidemias tropicais e desiludidos com os parcos resultados de seu labor. Consta que aproximadamente a metade de todos os moradores abandonou a região.



Anton Laender e sua esposa, Catharina Laender.

Heinrich Laender e esposa.

Uns retornaram à Alemanha. A grande maioria, porém, desceu até ao Rio Grande do Sul, onde desde 1824 havia uma florescente colonização alemã.

Dêsse êxodo participaram também os brasileiros aqui radicados.

E para dar as proporções exatas dessa debandada, basta lembrar que dos anos de 1860 a 1864 a única língua usada na região era a alemã, uma vez que os suiços e alsacianos também dominavam o idioma germânico.

Tôdas essas deserções não abateram o ânimo dêsse pequeno grupo que ficou, à cuja perseverança, coragem e fé, podemos creditar o que é Teófilo Otoni na atualidade.

Êsses pioneiros tinham consciência do que estavam fazendo. Sempre com os olhos, esperançosos ainda, voltados para o futuro, não saquearam impiedosamente as terras como quem pretende, uma vez exaustas, abandoná-las, mas fixaram o princípio de que o dever de uma geração é legar alguma cousa à geração seguinte. Graças a isso, ainda hoje temos algumas faixas de floresta virgem!

Aqueles pioneiros sabiam que colonizar não significa devastar. Porque devastar florestas é decretar fome e criar desertos, e nunca fundar cidades e construir celeiros para o Brasil!

Renova-se a onda imigratória — 1868

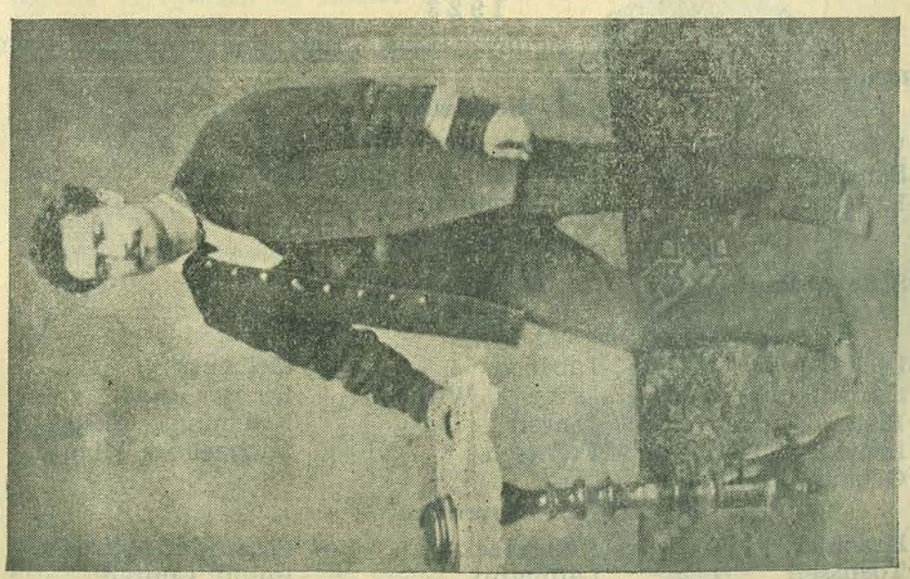
No ano de 1868 a imigração tomou novo alento com a vinda de numerosos alemães (saxões na sua maioria). Êsses foram encaminhados ao alto São Jacinto, Saxônia e São Pedro. Posteriormente formou-se um núcleo colonial às margens do córrego Sant'Ana.

A relação dessa leva, que atingiu Filadélfia a 19 de agôsto de 1868, é esta :

Marx	Schimmel	Oppe
Trommer	Leonhardt	Ebert
Saenger	Albert	Knuepfer
Gabin	Doehler	Gundermann
Petzhold	Keller	Steinbach
Fiedler	Fidelschuster	Jordan
Seifert	Dreier	Klier
Vogel	Fritsche	Laender
Dettling	Isaack	Haisch
Gruber	Muehlbach	Froede
Lorenz	Lehmann	Kunze
Franze	Laube	Goecking
Bremer	Liesner	Feeser
Besenstein	Hausdorf	Kretli
van der Maas	Trulsen	

A completa ausência de relações agrupadas, dá a entender que entre os anos de 1868 e 1922 houve apenas imigrações individuais, como por exemplo os Stolzenburg, Roesberg, Schmidt, Hoffmann e Westphal.

Friedrich Rausch e esposa



Hermann Melzer

A 15 de abril de 1875 partiam do Rio de Janeiro para Filadélfia os três irmãos Sedlmeyer (Ernst, Karl e Albert; os primeiros dois, alemães; o último, americano).

Cidade de Teófilo Otoni

A 29 de novembro de 1878, Filadélfia se viu elevada à categoria de cidade, e desde então passou a chamar-se Teófilo Otoni em homenagem a seu fundador.

COLÔNIA FRANCISCO SÁ, no MESTRE CAMPOS — 1922

No ano de 1921 o Govêrno brasileiro assentou promover a vinda de mais uma leva de imigrantes, para colonizar as adjacências do córrego Mestre Campos, núcleo que levaria o topónimo: Francisco Sá.

O primeiro grupo se compunha na sua maioria de berlinenses, incluindo ainda alguns saxões.

Atingiram Teófilo Otoni a 8 de janeiro de 1922, e a 18 de janeiro do mesmo ano a caravana descansava as bagagens sob os grandes barracões armados pelas autoridades, em Francisco Sá.

Relação do 1.º grupo, chegado a 8 de janeiro de 1922

Ruppin, Georg	Ruppin, Ernst	Ruppin, Fritz
Schuette, Friedrich	Behrend, Karl	Luebke, Karl
Wendt, Alfred	Bruene, Erich	Taubitz, Paul
Richter, Wilhelm	Gade, August	Paetzhold, Oskar
Pueschel, Karl	Wiegand, Karl	Wiegand, Emil

1923

A êste primeiro grupo seguiram-se, em 1923, quatro outros, assim discriminados :

Fevereiro

Wnuck, Johann	Reckert, Heinrich	Duechting
Schwan	Hoenecke, Wilhelm	Dunk
Krause	Kroppmann	Coks

Setembro

Seilert, Paul	Leonhardt, Artur	Foitzik

Outubro

Leckebusch	Tabacco	Melchert
Hardtmann	Laubert, Wilhelm	Richter, Karl
Ritter	Jansen	Kruemmel, Albert
Lehmann, Hermann	Frentsch	Michaelsen, Klaus
Gebauer, Wilhelm		

Novembro

Kraemer, Pius	Halterbeck	Schneider, Alfred
Toenssen	Lahmann	Rohm, Conrad
Rohm, Karl		

1924

Nesse ano deu-se a última vinda de imigrantes para Francisco Sá. O grupo estava assim composto.

Arndt, Georg	Rothe, Gustav	Triller, Karl
Haase, Emil	Schmidt, Adolf	Riffert
Laass, Karl	Lauterjung	Tennoth, Josef
Hoffmann, Karl	Hoffmann, Paul	Sierau, Wilhelm
Zickenrodt, Michael	Schulze	Schaf

Com as levas vieram também alguns solteiros, como:

Winkelstroeter, Werner — Boettcher, Otto — Wickert, Luiz von der Heide, Hermann, e outros.

Conforme já foi dito, todos os imigrantes foram alojados em grandes barracões cedidos pelas autoridades.

Enquanto as mulheres cuidavam da comida, roupa e das crianças, os homens, respirando vigorosamente os ares da nova pátria, calejavam as mãos fortes, abrindo estradas, construindo pontes e, posteriormente, edificando casas e rasgando o solo para o plantio.

Durante um ano inteiro, a única residência era o barracão. Mas uma vez acabadas as tarefas de primeira necessidade, começou a construção de amplas residências que seriam partilhadas sempre por duas famílias. Só no correr dos anos e conforme permitiam os recursos, cada colono construia sua residência particular. Neste período ainda vários outros imigrantes fixaram-se em Teófilo Otoni. Tendo chegado porém por iniciativa particular, não se agregaram ao núcleo de Francisco Sá. Uns eram artesãos, motivo porque instalaram-se com oficinas, na própria cidade. Outros, munidos de boas reservas monetárias, escolheram e compraram glebas que melhor correspondessem a seus projetos.

O Govêrno havia loteado as adjacências do Mestre Campos, exclusivamente para imigrantes alemães.

Eram ao todo 90 lotes, nos quais, às expensas do Govêrno foram edificadas residências. Sómente 5 lotes ficaram sem casa de moradia.

Mas com o correr dos anos a grande maioria dos pioneiros de Francisco Sá vendeu suas terras aos que queriam ficar, e retorna-

Albert Sedlmayer

ram à Alemanha, ou então fixavam residência nos arredores da cidade. Basta dizer que hoje apenas duas famílias das 15 primeiras ainda labutam em Francisco Sá: Ruppin e Gade.

DIFICULDADES

Mesmo que êsses colonizadores não encontrassem tantos obstáculos pela frente como os encontraram aqueles pioneiros de 1856 e 1857, ainda assim êles não navegaram em mar de rosas.

O trabalho era mais fácil porque o grupo se compunha exclusivamente de pessoas que falavam o alemão e, acima de tudo, os novos colonizadores podiam contar com o conselho, a experiência e a colaboração de seus antecessores aqui radicados.

Para lembrar apenas um, dos muitos acontecimentos dolorosos dessa época, está aí o acidente fatal sofrido pelo sr. Schwan, esmagado que foi por uma árvore na derrubada de mato. Pouco tempo depois falecia a viuva Schwan, e a numerosa prole — todos de menor idade — ficou ao desamparo.

Famílias caridosas prontificaram-se para abrigar as crianças. Estava desfeito para sempre um lar feliz e dispersada para todos os lados uma prole unida!

CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA

A criação da colônia alemã de Francisco Sá trouxe até aqui, pela primeira vez, um representante da legação alemã no Rio de Janeiro. Era o bem lembrado dr. Krauel.

Já existia a "Sociedade Escolar" e, graças aos conselhos, auxílio e interferência do dr. Krauel junto aos poderes constituidos, foi edificada a escola e a respectiva residência do professor, e bem assim foi nomeado um competente mestre-escola.

Frequentavam a escola principalmente os filhos de imigrantes, mas também outras crianças da redondeza acorriam às aulas. Porisso mesmo a instrução era ministrada em alemão como em português.

Foi uma realização importante e que custou não pouco sacrifício.

Hoje funciona naquele prédio escolar um CURSO RURAL para formação de professores rurais, enquanto que o outro prédio serve de residência à diretora do Curso.

TENTATIVA FRUSTRADA

Por êsse tempo o Govêrno tentou pela segunda vez organizar a colonização das Margens do Urucú. Mas como já sucedera em Santa Clara, os colonizadores — desta vez austríacos — tiveram de recuar diante das febres tropicais. A maioria deles se radicou em Teófilo Otoni, onde ainda hoje muitos residem.

IMPULSO DECISIVO

As dificuldades de transporte e a precaridade das vias de comunicação, que não permitiam um progresso mais acelerado, foram em grande parte removidas com a inauguração da Estrada de Ferro Ba-

1880 — Rua Direita.
A casa onde nasceu a familia Marx.
Das Geburtshaus der Familie Marx.

1878 — Rua Direita, entrada para a Praça Tiradentes.
1878 — Eingang von der Rua Direita zur Praça Tiradentes.

hia—Minas. E mais recentemente com a inauguração da Rio—Bahia, estrada federal que completou a ligação entre o sul e o norte do Brasil, e que passa por nossa cidade.

Desde então, Teófilo Otoni vem experimentando o seu maior surto de progresso, pois, estando ligada com as grandes metrópoles brasileiras, nossa produção atinge fàcilmente os imensos escoadouros.

Os cafezais se espraiam viçosos; a criação de gado toma incremento; os homens de negócio vão e vêm pela Rio—Bahia, em viajens confortáveis e rápidas. E Teófilo Otoni — o coração do Nordeste mineiro — passou a pulsar com maior vigor, porque ao sistema circulatório da região foi adicionada esta formidável artéria que se chama: Estrada Federal Rio—Bahia!

Reminiscências baseadas em cartas e relatos verbais sôbre a colonização

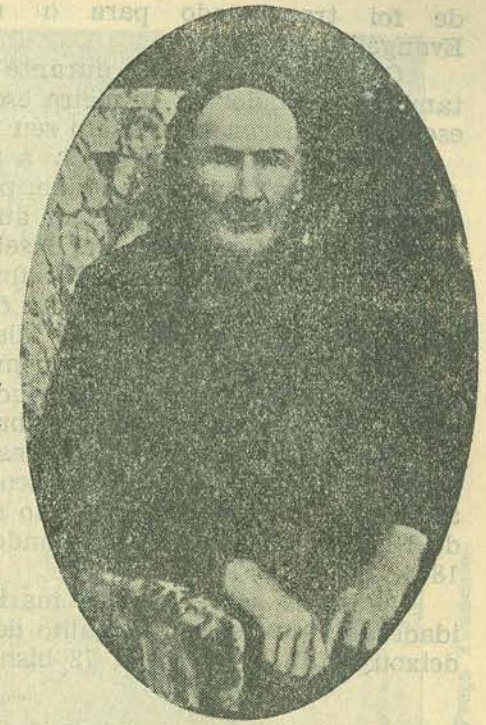
O pastor Johann Leonhardt Hollerbach e sua esposa, d.ª Maria, nasc. Lindner.

Em primeiro plano colocaremos extratos de cartas e crônicas escritas por um homem, que graças a seu espírito de renúncia e dedicação, merece respeitosa e grata memória de todo o descendente de alemães aquí radicados, e cujo nome deve ser pronunciado com reverência por velho e moços:

Pastor Johann Leonhardt Hollerbach.

Chegou êle a Filadélfia em 23 de maio de 1862, para pastorear a Comunidade Evangélica.

Em 10 de julho de 1899 o seu rebanho, consternado, acompanhava seus restos mortais até o túmulo preparado no pequeno cemitério ao lado da capela evangélica, nas imediações do atual Sanatório São Sebastião. Mai tar-



Ao lado:

D.ª Maria Hollerbach aos 90 anos (1934).

Frau Hollerbach im Alter von 90 Jahren (1934).

Em baixo:

Grupo (parcial) de descendentes do Pastor Hollerbach (1924)

Ein Teil der Nachkommen von Pastor Hollerbach (1924).

de foi transladado para o novo cemitério da Comunidade Evangélica.

O Pastor Hollerbach durante 37 anos serviu à Comunidade, e foi também o criador da primeira escola primária de Teófilo Otoni. Uma escola e uma rua perpetuam seu respeitável nome.

Nasceu o Rev. Hollerbach a 9 de outubro de 1835 em Wertheim (Baden). Aos 23 anos de idade, precisamente a 14 de agôsto de 1858, trocou a condição de professor auxiliar pela de estudante de Teologia no Instituto Missionário de Basel.

Em 25 de agôsto de 1861 foi ordenado pastor em Weikersheim (Wüttemberg). A 8 de fevereiro de 1862, numa cerimônia simples realizada na capela do Instituto Missionário de Basel, o rev. Hollerbach era oficialmente confirmado como missionário para o Brasil. Três dias depois embarcava e, em pouco menos de dois meses de viagem, a 5 de abril, alcançava a capital brasileira.

O dia 7 de janeiro de 1864 assinalava seu enlace matrimonial, em Filadélfia, com a srta. Maria Leopoldina Lindner, que menos de dois anos antes fôra confirmada pelo seu agora marido. Maria era natural de Neudoerfchen (Saxônia), onde nascera aos 30 dias de janeiro de 1844.

A esposa sobreviveu ao marido e adormeceu com a abençoada idade de 90 anos, a 6 de julho de 1934, em Teófilo Otoni. Ao expirar, deixou 7 filhos, 56 netos, 73 bisnetos e 2 tetranetos.

Transcrição de um artigo aparecido no 11.º número do "Heidenboten", de novembro de 1865.

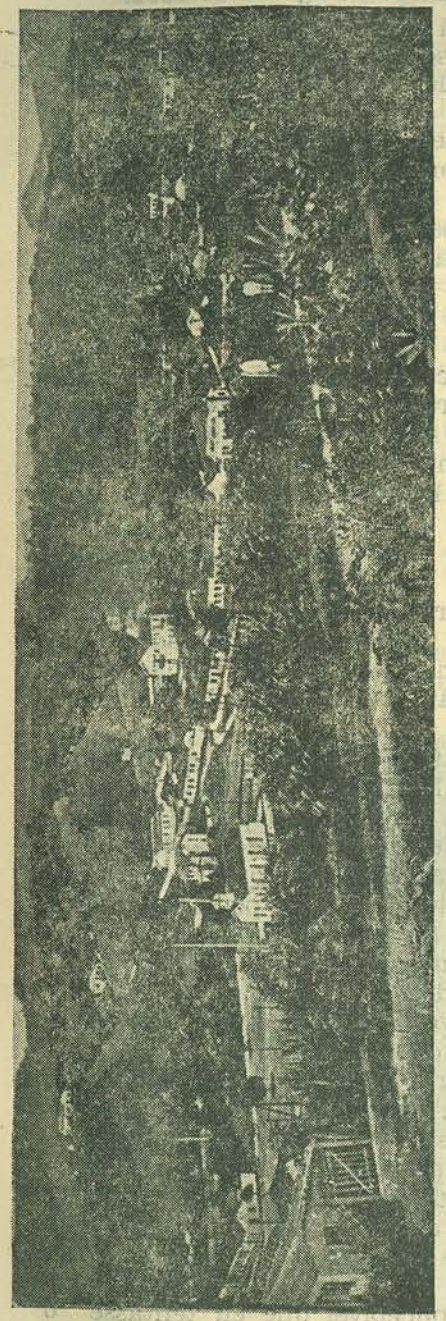
Hollerbach, pastor em Filadélfia, às margens do Todos os Santos, numa carta de 23 de junho, redigida em Santa Clara, deixa transparecer o seu espírito de altruismo, de caridade e de sacrifício, quando escreve:

"Sòmente a minha firme convicção mantém-me o ânimo para prosseguir no trabalho da Igreja e da Escola, em face da indiferença dos espíritos independentes, do menosprêzo e sarcasmo dos "fortes" e da aparente esterilidade do solo. Para poder testificar como convém, do pecado e da graça — precisamente as duas pedras de tropêço — preciso apelar para tôda a minha reserva de fé!"

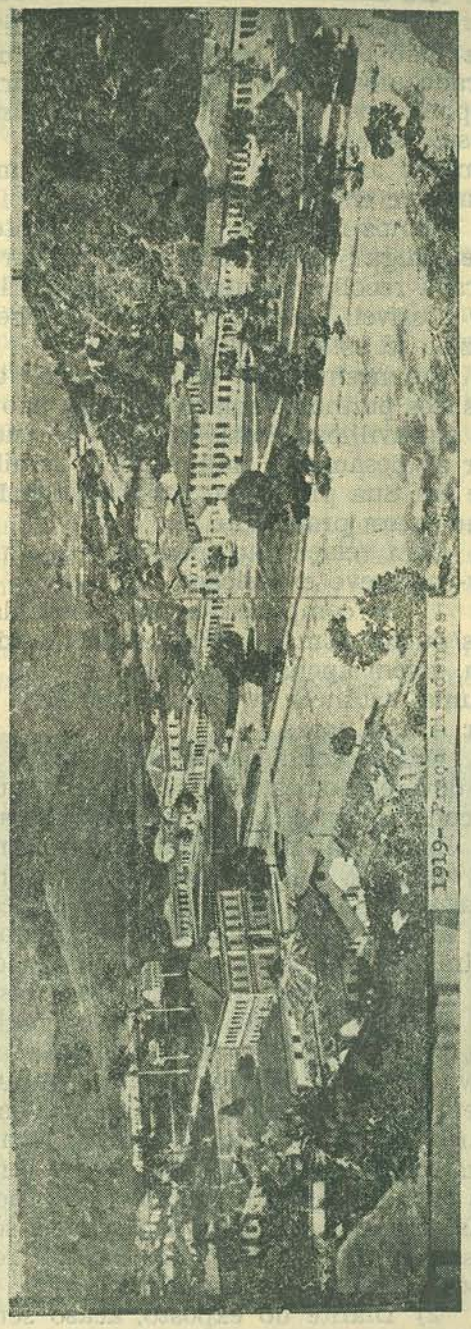
Também no setor material é precária a situação do rev. Hollerbach, uma vez que o Govêrno, empenhado num conflito externo e às voltas com uma aguda crise interna, já há cinco meses não lhe envia subvenções.

Porém, um resultado positivo poude ser registrado: vai se criando sempre melhor ambiente para a Igreja. Haja visto que a pequena grei já levanta uma contribuição de 3.500 francos para a causa do Senhor. Também a Escola — outro setor de suas atividades — vem demonstrando vida e movimentação.

Êstes resultados positivos animam-no imensamente.



1922 — Morro dos Velhacos, Praça Germanica e Bairro dos Alemães.



1919 — Praça Tiradentes.

De uma carta do Pastor Hollerbach, de 10 de agôsto de 1881.

"Demos glórias a Deus. Êle até aqui não retirou de sôbre nós a sua mão liberal. Muitas mercês, muito socorro, muito amparo inesperado, nos foram concedidos no correr dos anos. Mesmo que eu não disponha de "cajado, alforge ou bolsa" e com 10 filhinhos à roda da mesa, sempre tivemos o suficiente, e pela graça do Todo Poderoso, também as dívidas que ainda pesam sôbre mim, vão diminuindo de trimestre em trimestre.

Fomos forçados, isso sim, a abster-nos de muitas cousas. Desejais que o diga? Recentemente, ao iniciar uma viagem, durante a qual esperava recolher algumas dádivas, minha fiel esposa recomendou: "Se fôr possível, traga um pouco de fazenda, porque a minha última camizola já está se desfazendo".

Eu mesmo, não tenho mais de três camisas, tôdas elas desgastadas nos punhos e colarinho. Mas não há razão para temores. ÊLE ajuda maravilhosa e diàriamente. Quando a perspectiva de morrer e deixar ao desamparo minha pobre família, me oprime o peito, concentro-me em Sua promessa: "ÊLE TUDO FAZ BEM" e então me sinto animado para prosseguir.

Com relação ao meu ofício e minha pessoa, desejaria apenas fazer-vos breve exposição:

1) Os componentes da Comunidade residem muito afastados uns dos outros. Em Filadélfia, onde resido, e onde está construido o templo, vivem apenas 70 almas. A mais próxima das demais almas reside a uma distância de 45 minutos. Esta distância vai crescendo até alcançar 4 a 5 horas.

Nessas condições, é um grande sacrifício para uma mãe atender os deveres domésticos — crianças, quintal, criação, almôço — e ainda encontrar tempo para vir aos cultos. Eu o recorheço perfeitamente.

Mesmo assim, quando tenho diante de mim uma média de apenas 60 ouvintes, sinto-me tentado a dizer para mim mesmo: "Teu assunto está esgotado"; ou: "Os teus sermões aniquilaram as personalidades", ou ainda: "Teus sermões não prestam. Se tivesses lançado a verdadeira semente, as avesinhas viriam em muito maior número".

Tenho feito tudo para obter resultados.

Talvez tudo não passe de recôndita vaidade e egoismo. Outras vezes penso: "Quem sabe, êste insucesso não é um sinal de Deus de que devo procurar um outro campo missionário". Mas eu havia jurado ao meu Salvador, no fôro íntimo de minha consciência, nunca abandonar o vale do Mucurí por razões humanas e, minha comunidade é testemunha, jurei não sair antes de ver no púlpito meu sucessor. Porque no caso de eu abandonar êsse campo, poderia levar anos até vir outro pastor para cá, pois as referências sôbre a Sibéria não podem ser piores do que aquelas que o viajante recebe sôbre o vale do Mucurí, ao aportar no Rio de Janeiro.

2) Diante do exposto, acaso seria concebível que eu tentasse o trabalho em outro campo?

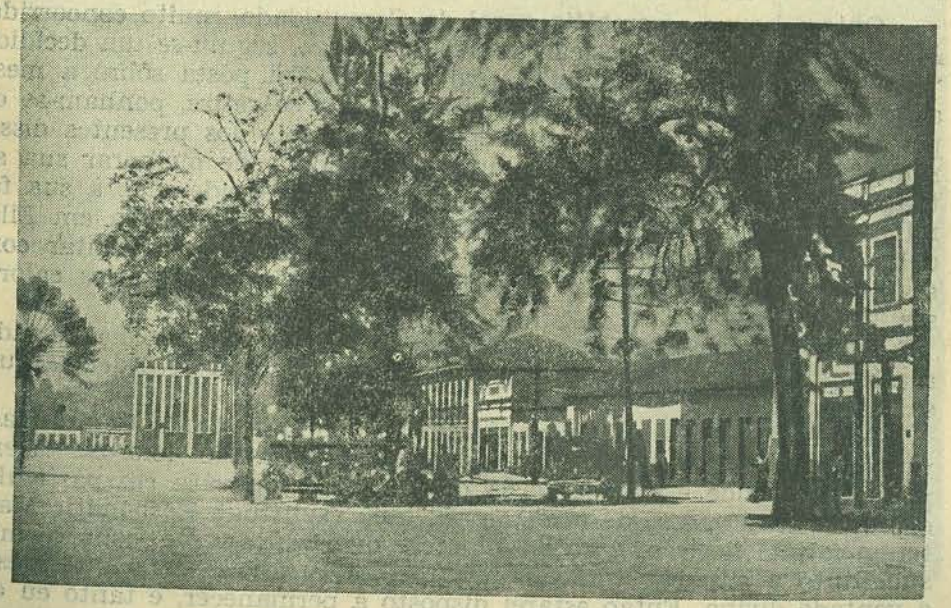
Há vezes em que pergunto a mim mesmo: "Não seria melhor deixar de proferir sermões por ocasião de batismos à domicílio ou outras solenidades em casas particulares?", pois quase chego a crer que os membros mais distantes contam com essas cerimônias, e se dão por satisfeitos quando uma vez por ano apenas se lhes anuncia a palavra de Deus e, consequentemente, entendem desnecessária a sua vinda até ao templo em Filadélfia.

Primitivamente pensava eu que meu dever para com as almas, o ofício e para com Deus, (e assim ainda penso) era o de aproveitar tôdas as ocasiões propícios à pregação do doce Evangelho. Assim sendo, proferia sermão em tôdas as casas onde era chamado a realizar um batismo. Já que não existiam outros pretextos, eram as cerimônias eclesiásticas que davam causa aos encontros entre os colonos. Estas ocasiões êles procuravam não perder. Não raro havia mais pessoas presentes na celebração de um batismo domingos à tarde, duas ou três horas longe da cidade, do que no culto da manhã na sede paroquial (especialmente em dias chuvosos).

Deveria deixar de pregar numa ocasião assim?

Hoje isso já pertence à tradição e meu sucessor não poderá, nem deverá alterá-lo. Mas como já foi dito, às vezes quer me parecer que êste uso prejudica ao culto público quando, em verdade, deveria ser-lhe útil.

A distância que me separa de meus paroquianos é também o motivo que me impossibilitou a organização de estudos bíblicos privados.



1938 — Praça Tiradentes.

Mas, pelo que sei, é mesmo assim a palavra de Deus o assunto que predomina nas palestras, quando um visita ao outro, de formas que ao menos entre os agricultores, os "sábios criticistas", foram postos à margem.

No decorrer do ano, todos eles visitam os cultos ao menos uma vez, com exceção de um, que fixou a idéia de que eu tivesse, numa questão jurídica, fornecido instruções ao advogado de seus adversários e assim o teria prejudicado. Aliás, a verdade é que êsse já era um incrédulo social-democrata na Saxônia. Ainda assim consegui ocasionalmente trazê-lo à Igreja. Sua família frequenta assiduamente aos cultos.

Minha Comunidade, incluindo todos os que podem frequentar regularmente o templo da sede, atinge no máximo umas 650 a 700 almas.

Num dos últimos cultos de Quaresma houve 140 comungantes e pelo menos uma vez, durante a semana santa, a congregação tôda se fez presente ao culto público.

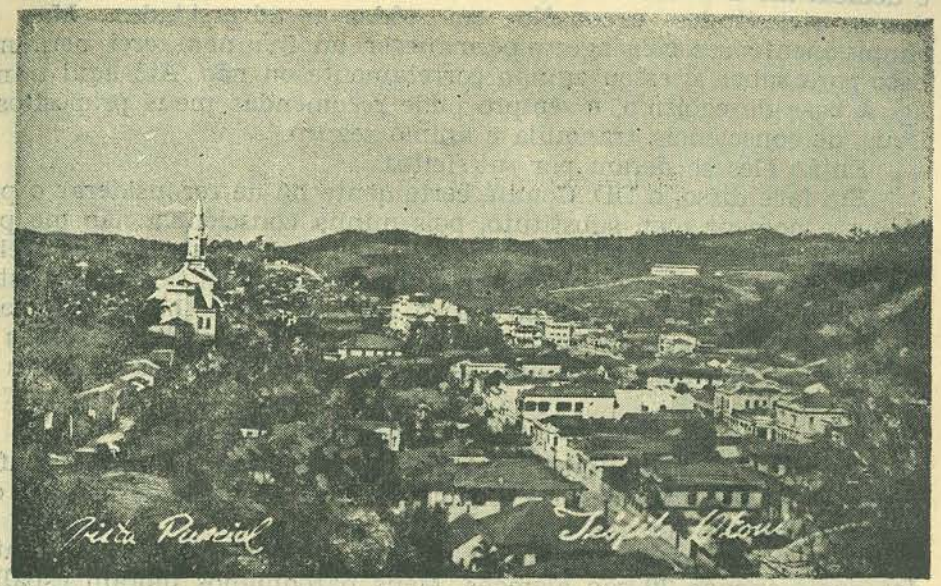
A Sociedade Bíblica até agora não contestou minha consulta, e assim me vi na contingência de apelar à Sociedade Bíblica Britânca, com filial no Rio de Janeiro, para que ela me forneça à prestação uma partida de Bíblias (pois até agora me foi impossível juntar o dinheiro necessário. Vejo-me forçado a uma economia extrema para não ter de andar quase nú e para de uma vez livrar-me das dívidas antigas). Até agora não obtive resposta.

De uma carta de 27 de fevereiro de 1882.

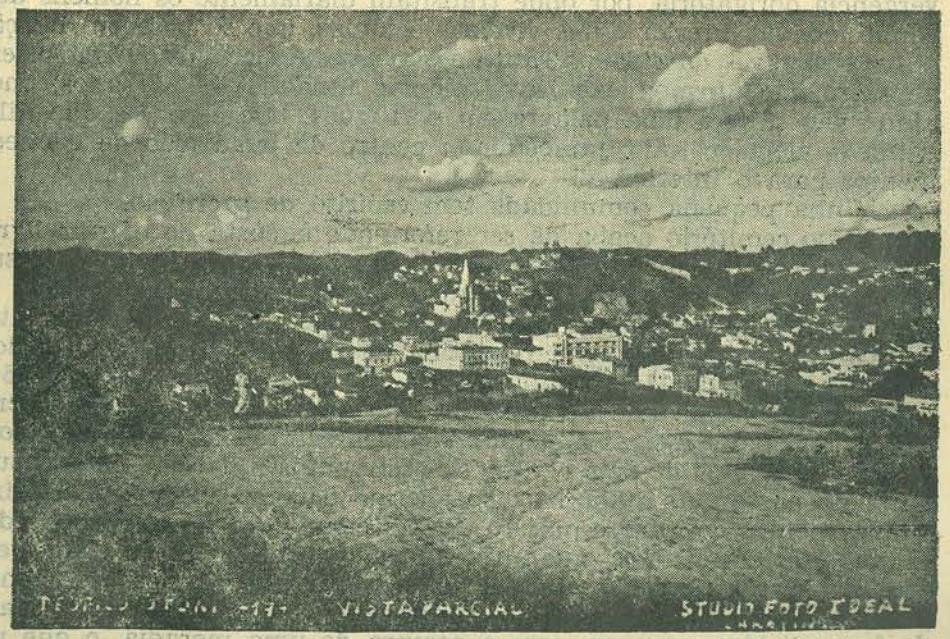
Ontem houve assembléia geral da Comunidade, muito concorrida. À minha insistente disposição de depôr o cargo, seguiu-se um decidido "Não", ou melhor, um significativo silêncio. Foi posta sôbre a mesa a questão: "Os que desejam que nosso pastor se retire, ponham-se de pé!" Todos permaneceram sentados. Apenas dois dos presentes disseram: "Caso o sr. pastor tenha uma possibilidade de melhorar sua situação, seria injusto se não o tentasse, já em consideração à sua família, se bem que também nós desejamos sua permanência em Filadélfia". À pergunta: Se ao menos não estavam dispostos tentar conseguir outro guia de almas, sucederam-se ràpidamente vários calorosos "Não!"

Como eu insistisse na minha decisão, afinal, muito contrariada, a assembléia autorizou a Diretoria da Comunidade a providenciar um substituto meu.

Meia hora após o término da sessão o presidente da Comunidade veio procurar-me e pedir que não os forçasse a tão dolorosa tarefa, porque a grande e boa parte da congregação renovára em particular o propósito de não se desfazer de seu guia espiritual. Respondi: "Mantenho minha decisão, e só na hipótese de verificar que com o meu substituto a situação também não melhorar, reconhecerei que é esta a vontade divina. Então estarei disposto a permanecer, e tanto eu como minha família, a arrostar todos os sacrifícios (mesmo os maiores)



Teófilo Otoni — Vista Parcial — 1956



Teófilo Otoni — Vista parcial — 1956.

e dedicar-me inteiramente à causa. Então terei compreensão para tôdas as vicissitudes e consôlo em tôdas as adversidades. Mas se simplesmente resolver agora permanecer ou ir, não terei nenhuma base para saber si estou agindo corretamente ou não. Até aqui nunca agi à base de egoismo, e sempre pude recomendar meus propósitos a Deus, de consciência tranquila e ânimo seguro.

Então êles se deram por satisfeitos.

Em face disso, o DD. Comité certamente há de reconsiderar o problema e nomear meu substituto, pois minha consciência não me permite ficar, nem abandonar o rebanho assim sem mais, aos caprichos do lobo devorador. E nem o meu rebanho consente em ficar sem pastor.

E se meus filhos forem, no futuro, apenas simples homens do campo, nem porisso estarão mais longe do céu. A despeito de tôdas as aparências negativas, eu confio naquele que abençoa aos milhares de milhares.

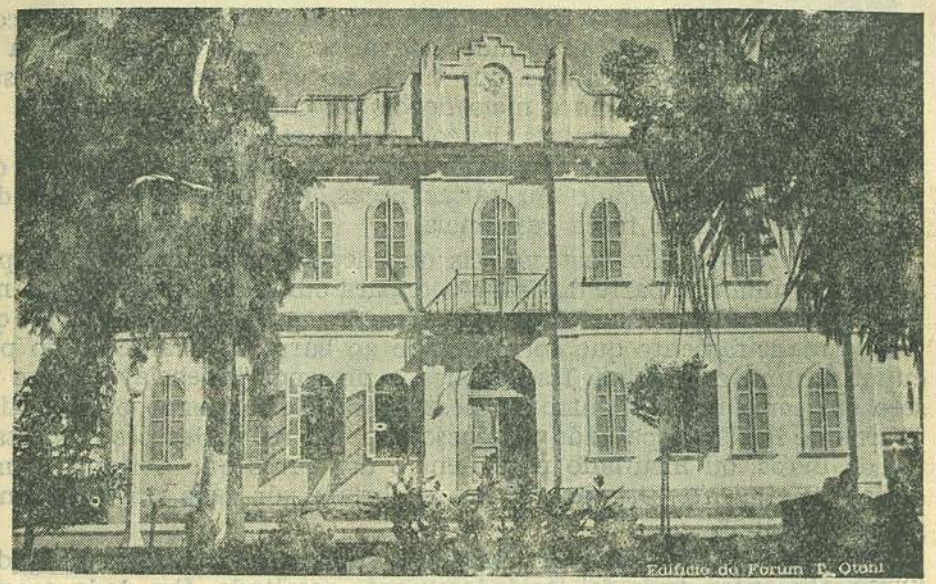
Aos 5 de março de 1882 escrevia êle:

Se escrevo tão amiúde a respeito dos brasileiros, não significa isso que eu lhes faça a côrte, em detrimento de meus deveres de ofício. Não. Êles é que me buscam.

Filadélfia é uma cidadezinha de mais ou menos 2.500 habitantes, dos quais apenas 70 são alemães. Meus paroquianos moram espalhados nas adjacências dos diversos córregos. O mais próximo a uma distância de 2,5 quilômetros. Além disso, Filadélfia é um centro de convergência obrigatória, por onde transitam diàriamente os homens desconhecidos do interior e das diversas colônias, que só possuem ligação entre si através da cidade. Tanto assim que um certo dr. Argolo, engenheiro, me afirmou existirem colônias fundadas há 70 anos, onde ainda não se fala uma palavra em português. Isso significa que Filadélfia é, além de tudo, também um centro de irradiação de conhecimentos para o interior.

Minha pequena comunidade tem espírito de sacrifício.

Nosso cemitério acaba de ser reformado à custa de ofertas livres (mais de 650 mil réis); o templo está em condições. Também a sua reforma custou mais de 650 mil réis. Uma residência apropriada aí está, para cuja construção a comunidade até agora levantou quatro contos de réis, e não fôra a repentina desvalorização do café há dois anos passados (de 11 a 12 mil réis, os 15 quilos baixaram para 3,5 a 4 mil réis, e ainda não há procura), decididamente a quantia teria sido maior. Afora isso, esta comunidade sobrecarregada em 2 anos contribuiu com mais de três contos e quinhentos mil réis, para o sustento do pastor. As senhoras dispenderam 250 mil réis para adquirir os paramentos do altar e púlpito. Nesses computos não estão incluidas muitas ofertas menores, que entraram em grande número. Um eventual sucessor meu não precisa temer o aspecto econômico. Não tendo prole muito numerosa encontrará residência. Não terá necessidade de fazer dívidas como eu, com a compra de uma moradia, o que me obrigou durante o primeiro ano de trabalho a dispôr da maior parte



Edifício do Forum

Rua Getúlio Vargas (antiga Rua Direita)

do meu salário para cobrir juros de 12%, o que ao fim de 15 anos era mais de quatro contos e quinhentos.

Já não encontrará a Comunidade em tal situação como a encontrei há 20 anos passados, quando estava por vezes na iminência de ter de desfazer-me da camisa que trazia ao corpo, para adquirir sustento. E quando, um ano e meio depois de casado disse à minha jovem esposa, quantas camisas, lenços, meias etc. deveriam existir, ao verificá-lo, ela encontrou apenas um terço daquele total. Não há dúvida de que fôra roubado em várias peças, nas ocasiões em que deixava sòzinsa minha tosca residência.

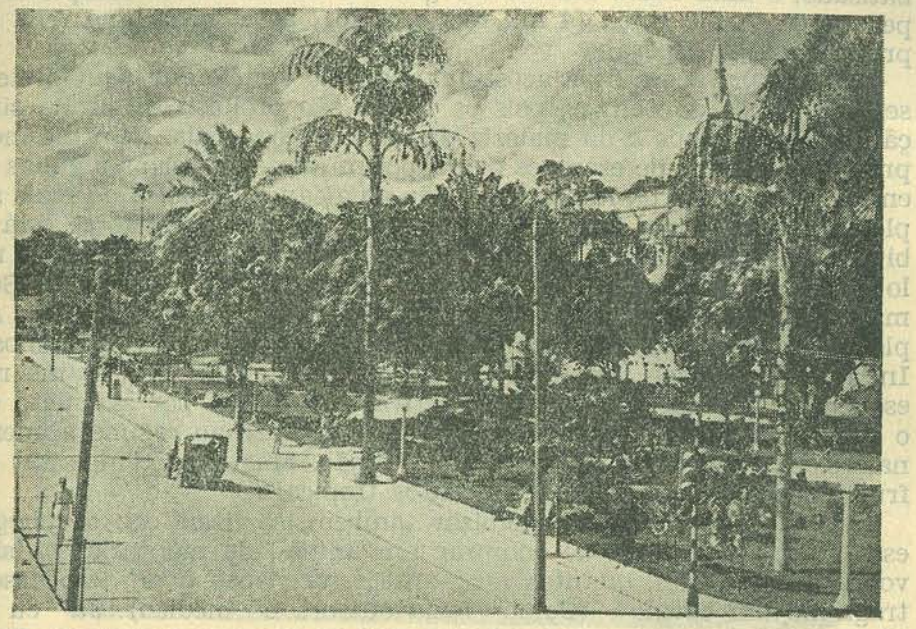
Como se isto não bastasse, eis que depois do casamento o cupim inutilisou uma boa parte das roupas e, para cúmulo, justamente as melhores peças que possuíamos. Mais tarde eu pude constatar que todo o madeiramento que corria ligado ao barro, estava reduzido pelo cupim a uma casca fina. Isso explica a presença indebelável dêsse inseto em certa época, dentro de nossa casa. Nem mesmo o irresistível "Verde de Paris", espalhado pelo assoalho, em redor dos pés das estantes de livros, ou insuflado para dentro dos furos que abriam na madeira, foi eficiente, pois dois furos se abriam por cada um que conseguíamos fechar.

Quadros pendurados nas paredes, roupas pendentes em cabides, livros, alimentos, tudo foi impiedosamente assaltado. Em dada ocasião guardei uns livros valiosos dentro de uma caixinha que coloquei no alto de uma prateleira, afastada da parede. Diàriamente olhava para lá, a ver se não havia nada anormal. Afinal, desconfiado, decidi subir. Quando estendi a mão para apanhar um livro, constatei que dos livros restava apenas uma espécie de casca superior. Por baixo tudo estava ôco. Perfeito por fora; moído por dentro!

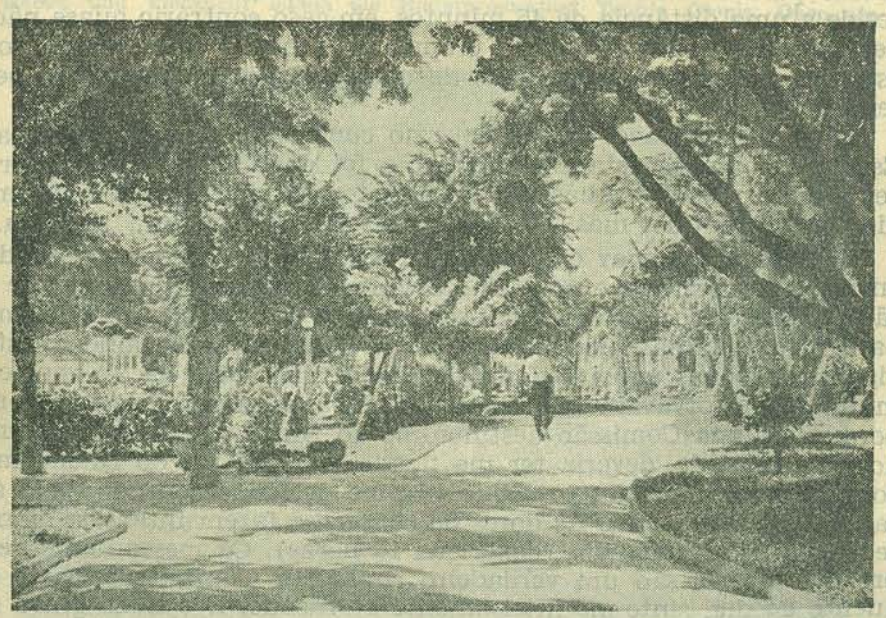
Todos êsses prejuizos, que se sente tanto mais quando já se está em situação extrema, impossibilitado de rehaver o que se perdeu, não precisam ser temidos por um eventual sucessor meu.

Não será tão solicitado por brasileiros e alemães como eu, que os acostumei a isso. Ah, se êles soubessem quanta decisão é preciso para executar a caridade que me propus e alcançar-lhes a esmola ou auxílio que pedem, quando muitas vezes eu mesmo havia tomado a crédito aquilo que lhes dava. Por vezes penso em comparar-me com aquele Simplicíssimo, o qual, conforme se diz, furtava couro dos ricos para confeccionar calçados aos pobres. Se tivesse aplicado êste princípio aos meus próprios problemas, não estaria devendo mais nada nas casas comerciais. Meu único consôlo é êste: quanto à minha pessoa me impus a máxima frugalidade. As 250 gramas de manteiga, por exemplo, que apareciam sôbre a mesa só aos domingos, em consideração aos numerosos hóspedes que sempre havia num dia dêsses, já há dois anos não compramos mais.

Sôbre a mesa nunca tenho uma garrafa de vinho ou outro petisco. Nunca comprei um "queijo de Minas", exceção feita a um dia ...



Praça Tiradentes



Praça Tiradentes

batisado, e uma outra ocasião em que me lembro haver comprado um pedaço de queijo suiço (4 mil réis o quilo), para fazer uma feliz surprêsa à minha espôsa.

A tais privações deve acostumar-se todo aquêle que aquí pretende servir à causa do Senhor, pois os preços são proibitivos. Minha situação não é peor que a da maioria dos moradores locais. Nem mesmo os próprios senhores de escravos daqui podem dar-se a certas regalias que em muitas regiões da Alemanha estão ao alcance da bolsa do mais simples operário. Afinal, não sente-se falta daquilo a que não se está habituado. Para ilustrar o fato, eu mesmo vi um nativo jogar fora o miolo e comer apenas a crosta do pão de trigo que lhe foi servido! Só os mais viajados, os estudantes, já não se dão por servidos com o simples prato de feijão com farofa. Aquêle delicioso pão que comíamos no Instituto em Basel, tem aquí um preço tão elevado, que só me resta esquecê-lo. Há apenas duas alternativas: ou dar-se por satisfeito com o pão de fubá, ou então adaptar-se inteiramente ao regime alimentar nativo, baseado em farinha, farofa e feijão. Mas para compensar essa frugalidade, há abundância de frutos tropicais.

Meu sucessor poderá economizar também, se fizer logo de chegada essa condição, em vez de comprar um animal de montaria: "Visitar-vos-ei tantas vezes, quantas meu antecessor, mas quem isso desejar, traga-me um cavalo". (Como fazia outrora o médico). Já eu não posso exigir isso, porque acostumei mal os meus paroquianos. Porém com o correr dos tempos, será prudente que meu sucessor adquira um cavalo para si mesmo, pois como foi dito, o agricultor mais próximo reside a uma distância de 45 minutos, em caso contrário quase não poderá realizar visitas por motu próprio. Ir a pé? O calor imenso, ou as estradas intransitáveis em dias de chuva, práticamente não o permitem.

É muito provável que o Govêrno conceda uma subvenção para a Escola. Ao menos esta esperança me foi dada ainda ontem por um certo major Daades. Aliás, já há mais tempo foi encaminhado um pedido nesse sentido, mas até agora não houve nenhuma resposta.

Vamos abandonar êsse campo missionário? Por quê, se residimos entre os paroquianos e no meio de tantos brasileiros, material de missão? Sôbre êste e outros assuntos poderia redigir um memorandum para meu eventual sucessor. Graças a Deus, sinto-me ainda bastante vigoroso. Apenas aquelas dores de cabeça que sofro há 28 anos e que muito me estorvavam nos estudos (ainda estorvam), talvez a razão porque a digna Comissão destinou-me ao Brasil. Quem sabe, atentando para a saúde, deveria ter me fixado mais no sul do Brasil, mas a confiança em Deus fez com que eu me decidisse contudo, pelo abrasador Valo do Mucurí. As dores de cabeça se fazem intensas, mòrmente por volta do meio-dia (das 11 às 15 horas). Os meses desde dezembro até Março, são um verdadeiro suplício! Durante a parte mais quente do dia, sinto-me inteiramente atordoado. E o mais grave nisso tudo é que apenas acabado o matinal na escola, já começa a instrução

O Café constitue um dos principais produtos de Teófilo Otoni. Em cima, um cafeeiro em flôr, em baixo, cafezal novo.

Kaffee und Viehzucht bilden die Hauptproduktion Teófilo Otonis. Oben ein bluehender Kaffeestrauch, unten, junger Kaffee.

dos confirmandos. Sem dúvida não é fácil dar de 6 a 8 horas de aula por dia, pràticamente sem intervalo e sem auxiliares, e ainda em duas línguas! Nêsse período do ano perco o apetite e fico ainda mais magro do que já sou.

Mas isso passa e dias amenos virão. A instrução dos confirmandos estará concluida. Poderei então fazer jornadas recuperadoras através da natureza, em visitas a meus paroquianos. Graças a Deus, de abril ou maio, até novembro, sinto-me relativamente bem.

Apenas uma vez fui atingido por grave enfermidade nesses 20 anos de atividade (a 22 de maio completará 20 anos desde que aqui cheguei). Isso se passou da seguinte maneira: Para ficar em pé de igualdade com meu companheiro de viagem, e para ser-lhe agradável passei com êle a noite ao relento, deitado sôbre os baixeiros suados da montaria, sem descalçar as botas e a roupa. Na manhã do dia seguinte, sem acordá-lo, subi e desci no pasto úmido de orvalho, buscando nossas montarias. Voltei molhado até a cintura, e ao mesmo tempo suado da cintura para cima. Sem sequer trocar as meias, montamos e seguimos viagem. Não havíamos ainda feito meia milha, quando um sentimento estranho me dizia: "Estás arruinado. Contraíste a febre!" E o pior, estava a 80 quilômetros de minha casa! Com muito sacrifício alcancei ainda o lar e caí de cama, permanecendo dois meses e meio em rigoroso tratamento.

Desde então, se em viagem me vejo obrigado a pegar o animal no pasto, ponho-me descalço, arregaço as calças, enfim, fico apenas com a indumentária mais leve possível no corpo. Depois de selado o animal, calço as meias e botas que estiveram a enxugar, pois trago apenas a roupa mais essencial. Não posso carregar muita cousa, porque meu animal, além do meu pêso, precisa ainda carregar forragem para si mesmo. Não disponho de recursos para possuir e manter ainda um bagageiro. Só excepcionalmente me são poupadas tôdas essas dificuldades. Isso quando viajo em companhia dêsses excelentes brasileiros, que cumulam o "reverendo" de tantos favores e gentilezas que às vezes sinto-me até constrangido, senão emocionado até as lágrimas com a renúncia e a satisfação com que êles se dedicam a seus hóspedes.

Minha dedicada esposa deu-me 10 filhos. Soube criá-los com tanto desvêlo que nunca qualquer um dêles esteve doente. Também isso eu considero como uma graciosa benevolência de Deus. Tão sòmente a partir de julho passado, Deus nos visitou com uma cruz. É que meu pequeno filho Samuel, de 9 anos, quando a meu mandado procurava defender um pequeno cãozinho estranho da fúria de outros cães maiores, foi mordido por um deles. A perna ofendida estava quase sarada, quando acidentalmente sofreu um corte próximo à ferida antiga. Mas tambem êste ferimento ia já sarando, quando inexplicàvelmente as duas feridas tornaram a inflamar, formando uma grande chaga. Já aplicamos tôda a sorte de medicamentos. Mas quando tudo faz crer na cura, a dolorosa erupção reaparece, e produz dores incessantes. Neste momento ouço o chôro do pequeno. É de cortar a alma!

RELATÓRIO DE UMA VIAGEM PELO VALE DO MUCURÍ E PARA MAIS ALÉM

(Desde 20 de agôsto até 21 de setembro de 1886).

A 18 de Agôsto encerrava-se o ano letivo escolar. A época era imprópria para festejos, razão por que, a solenidade esteve pouco concorrida. Mesmo assim contaram-se 40 a 50 crianças e, seus respectivos pais e parentes.

Os 15 dias que antecedem à festa são de intenso labor para mim e minha família, pois que tocam a nós os preparativos da mesma. Naturalmente, no dia mesmo da festa, alguns cavalheiros encarregam-se de supervisionar o movimento, uma vez que de outra forma eu não daria conta de tudo.

A casa pastoral era o ponto de concentração das crianças. De lá, carregando bandeirolas e cruzinhas enfeitadas com ramalhetes de flores e pequenas corôas, o cortêjo em forma, dirigido por mim e alguns outros, dirigia-se para o templo. Após uma alocução apropriada. Depois foram entoadas algumas canções infantis pelas crianças. E finalmente, a oração de encerramento da solenidade. E então começaram os festejos ao ar livre.

Frutos em profusão haviam sido fixados nesse interim, no tôpo do "pau de cêbo". Foram armados também uns balanços. Havia também uma barra que ainda era do ano anterior. Não podia faltar também a diversão que consiste em jogar pequenas bolas com a mão para acertar uma maior presa no alto de um mastro. Em alegre algazarra as crianças iam apanhar na casa do carpinteiro as estrelinhas de madeira e as fundas com que eram jogadas. Antes porém de se entregar aos brinquedos, as crianças foram fixar suas bandeirinhas a um mastro dotado para tal fim, de numerosos orifícios.

A festa dêste ano transcorreu em grande animação e harmonia.

Trabalhei até altas horas da noite para guardar os utensílios da festa e devolver os objetos que tomáramos emprestados aos vizinhos. Tive de fazê-lo porque o dia seguinte estava reservado para os preparativos de viagem, a qual tive de encetar sòzinho, já que não podia perder tempo esperando companhia uma vez que eram limitados os dias disponíveis para essa jornada. Contava porém com a promessa de um conhecido, o qual me aguardaria a umas quatro léguas daqui para desde lá acompanhar-me. De tôda a forma aquele seria meu primeiro ponto de parada onde aguardaria a ascenção da lua antes de prosseguir, uma vez que é preferível viajar à noite para evitar encontros com os selvagens.

Ao meio dia estava tudo pronto para a partida: cavalo arreado e os alforges estufados de material de trabalho, provisões e roupas. Depois de uma prece de despedida no seio da família, partia cidade a fora ainda sob a emoção da despedida, porém tranquilo, encomendado à proteção de Deus. Era o dia 20 de agôsto de 1886.

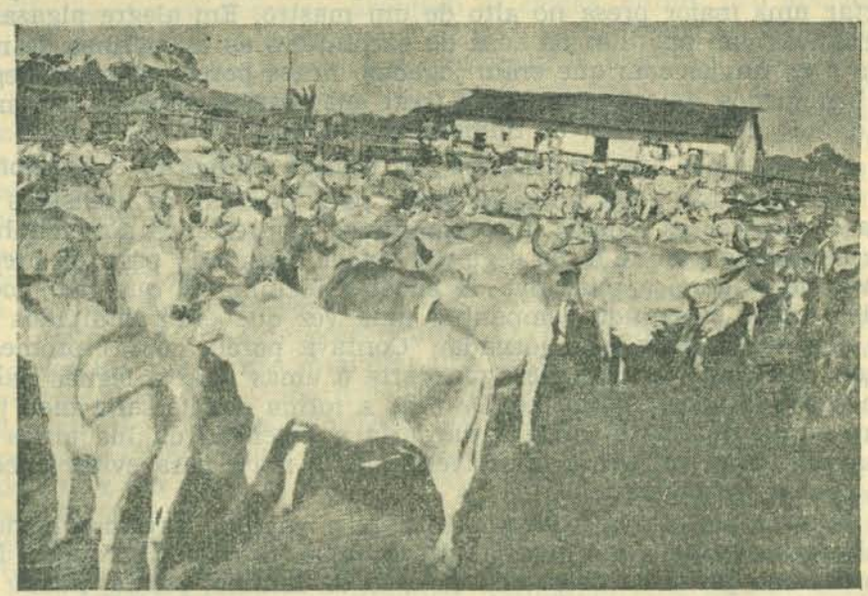
Minha montaria adquirida poucos meses antes, especialmente com as contribuições de alguns amigos generosos da Alemanha, transformou a viagem numa verdadeira prova de paciência. Trata-se de um animal forte, pouco assustadiço, mas tropeça frequentemente. De um modo especial quando a estrada é plana, justamente onde menos se pode esperar um acidente. Quantas vezes êle interrompeu bruscamente minhas distantes divagações durante as tranquilas jornadas. Muitas vezes dizia eu comigo mesmo: "Deus perdôe os que mo impingiram."

Infelizmente os mercadores de equinos obedecem a um lema bastante condenável: "O diabo os compra; o diabo os vende."

Numa casa de fazenda, a exatamente 20 quilômetros de jornada, encontrei o meu companheiro de viagem. Com surpresa verifiquei que êle estava a pé! Mesmo assim me decidi pela sua companhia, pois em viagens longas e noturnas é melhor estar mal acompanhado do que só.

Depois de dar-lhe a ração, larguei meu animal no pasto e por um mil réis contratei um "camarada" para pegar o animal e entregar-mo à porta principal da casa grande, tão logo surgisse a lua.

Após a janta (20 horas da noite), pedi ao fazendeiro que reunisse os escravos e empregados para que eu pudesse anunciar-lhes a Palavra de Deus. Assim se fez. Então, muito satisfeito, fui repousar durante umas 3 ou 4 horas.



A criação de gado representa outra riqueza de Teófilo Otoni. Viehherde.

Pouco depois da meia-noite a viagem tinha sequência, agora mata a dentro. Às 6 horas da manhã, mais ou menos, alcançamos as primeiras casas — sinal de que já havíamos ultrapassado a região mais temida.

Meu companheiro revelou-se um ótimo caminhante. Nunca ficava para trás. Mesmo que às vezes eu andasse a trote largo.

Pela volta do meio dia chegamos numa casa onde costumo fazer uma parada, para descansar e comer alguma coüsa. Depois a viagem continuou. Após duas horas de jornada, mais ou menos, a fome apertou meu companheiro, o qual, apanhando o embornal em que trazia sua provisão, ofereceu: "O senhor aceita?"

— Que é que trazes aí? — perguntei.

— Três quilos de assado gordo de novilha, com farofa!

— Própriamente não estou com fome, mas o seu caso já é diferente, uma vez que anda a pé — respondi.

Sentamo-nos à beira do caminho e meu companheiro foi tirando tudo o que trazia no embornal. Só bem no fundo encontrou uns 5 ou 6 pedacinhos de carne, do tamanho de meia noz... Contrafeito murmurou: "Uai, nunca minha mulher se enganou dêste geito. E bem que eu ainda lhe recomendei que preparasse três quilos de carne!"

Ainda por muitos dias êsse contratempo deu motivo a gracejos. Quando nos preparávamos para nova etapa, um dizia: "Não passaremos necessidade; temos três quilos de carne gorda!" Nas horas de descanso era a mesma cousa: "Passe cá esta carne, que estou com fome!" Se acaso eu perguntasse pelo seu ânimo em prosseguir viagem, êle respondia sorrindo: "Claro que estou; os três quilos de carne garantem tudo!"

Quando mais tarde tornei a encontrar meu companheiro, em Aimorés, instintivamente perguntei: "Então, os três quilos já estão quase no fim?" E mais uma vez houve gostosas gargalhadas.

No mais, era êle uma alma simples e correta. Tivéramos longas e cordiais palestras versando sôbre a Palavra de Deus.

Finalmente ao anoitecer do sábado, dia 21, alcançávamos a residência do holandês Puder van der Maas, às margens do Uruaí. Era a primeira parada maior.

No dia seguinte oficiei várias vezes, tanto em alemão como em português.

Na segunda-feira, dia 23, tinha sequência a viagem. Na derradeira residência daquela freguesia fizemos nova parada para descansar, reunindo assim novas energias para a próxima etapa que seria através da noite. Aí encontrei uma senhora com a qual mantive proveitosa palestra em alemão. Reunida a família, procedi a leitura e explicação de um trecho do Novo Testamento (português), e lá pelas 4 horas da tarde prosseguíamos viagem.

Mais ou menos às 9 horas da noite, alcançamos um acampamento de tropeiros. Todos dormiam sôno pesado, e foi preciso chamar muito, até que uma cabeça inquiridora emergisse de sob a lona da barraca.

Hóspedes desconhecidos, recebeu-nos com reserva e um tanto contrariado, cedeu um cantinho da barraca, estendendo sôbre a terra um couro de boi, à guisa de colchão. Passados porém os primeiros instantes de contacto, êle se deixou ficar à vontade, e loquaz, foi desenrolando a história de suas peripécies. Disse que a uns 10 quilômetros dali, vira selvagens esgueirando-se entre as árvores, mas não dera contas disso à sua comitiva, temendo uma debandada geral. Esse relato era uma núvem negra em nossos horizontes.

Depois de haver tratado e prendido a minha montaria, estendi o alforge, cujas duas bolsas serviriam de travesseiro para mim e meu companheiro, respectivamente. Nosso hospedeiro alojou-se em sua rêde.

Já passava da meia noite, quando nos pusemos em viagem pela estrada poerenta, uma vez que estamos atravessando uma sêca, que já se prolonga por 5 mêses.

As viagens noturnas sempre são mais lentas, e por essa razão, só ao claro do dia alcançamos o lugar trágicamente famoso, onde os selvagens referidos, já haviam trucidado vários viajantes. Havíamos ultrapassado o perigo, mas não há muita vantagem nisso, uma vez que continuava o desamparo da solidão total.

As únicas residências que eventualmente se encontram, são os barracões abertos do tropeiros. Mas considero-os verdadeiros castelos ambulantes, pois estou certo, de que nem mesmo um principe em seu fortificado castelo, se espreguiça com mais euforia sôbre os acolchoados de sêda, do que eu, sôbre couro de boi, num acampamento dêsses. Basta isso e confiança na proteção divina. Quanto à morte, de qualquer maneira devemos enfrentá-la sem exceção.

Depois de uma jornada de cinco e meia léguas, oh ventura! diante de nós no vale, à margem de um córrego ,havia uma caravana. Aprestavam-se para levantar acampamento. Mas um fio de fumaça, dizia que a chaleira do café ainda estava sôbre o fogo! Bom prenúncio para nós, que dêsde a madrugada não haviamos ingerido alimento quente.

Até parece que a nostalgia da solidão atinge também os animais, pois diante daquêle acampamento, minha montaria que já andava a passos lerdos e arrastados, moida pela fome e pelo cansaço da longa caminhada, firmou o passo com garbo e renovada disposição.

Conforme é tradicionalmente usado aqui, tão logo chegamos foi nos servido o saboroso cafézinho, com bastante açucar. Até mesmo um prato de feijão foi arranjado. Também o meu cavalo, que em face do estio encontrou pouca pastagem à beira do caminho, recebeu farta ração de milho.

Em gratidão pelo alimento do corpo, eu retribuí com o alimento para a alma: a Palavra de Deus. Enquanto isso ultimavam-se os preparativos da partida. Pouco depois trocavam-se votos de bôa viagem, e o clássico "Vá com Deus", e já estávamos uma vez mais na solidão.

Tento cochilar um pouco, mas o Sól radiante não inspira sono. De mais a mais temos pela frente quase 5 léguas de planalto e estradas arenosas. Tanto o cavaleiro como o cavalo, estão cansados, mas o

Colônia Francisco Sá
Festa escolar junto ao velho prédio da escola pública.
Schulfest: das alte Schulgebaeude der Regierung

A nova escola construida pelo colonos (vista parcial).
Das von den Kolonisten erbaute Schulgebaeude (Teilansicht)

tempo urge e é preciso ir avante. A montaria recebe nova ração e bebe água límpida no córrego. Sinto-me tentado a fazê-lo também, mas não arrisco. Pouco depois estávamos em marcha. Na solidão comprida, quantas vezes suspirou a alma: "Ah, parece que o fim nunca chega!" Mas ao cair da tarde, satisfeitos alcançamos a casa. A simples expectativa de poder descalçar as botas quentes, jantar bem, palestrar, estudar brevemente um trêcho bíblico e, depois dormir uma noite como convém, dá-nos momentaneamente a impressão de que nossas energias já se renovaram.

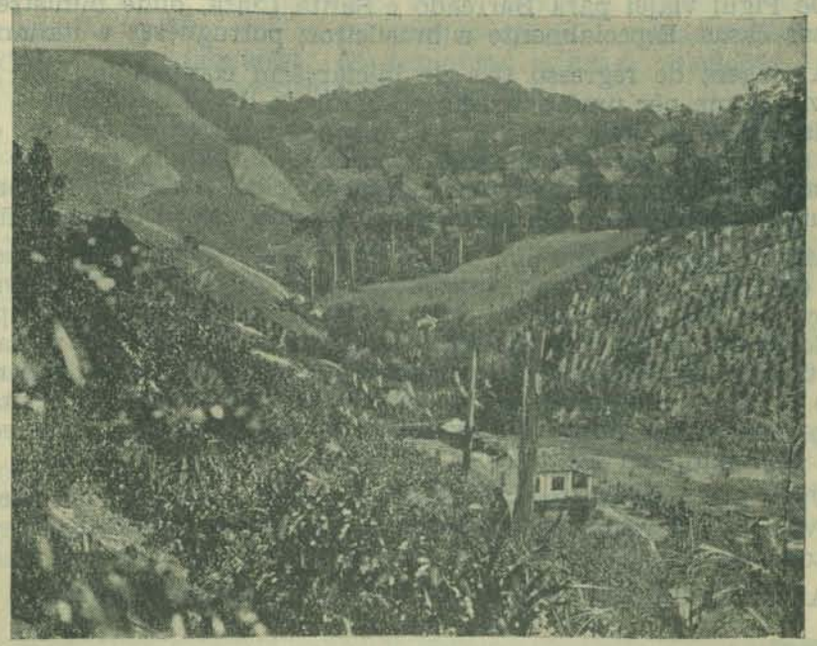
Na manhã seguinte, após a devoção matinal, a viagem tem prosseguimento. Meu propósito era localizar uma família F. emigrada recentemente de Berlin, em companhia de um cunhado e sobrinho, da qual se dizia estar bem de recursos. Constava que se haviam estabelecido na região onde futuramente deveria passar a Estrada de Ferro, a umas três léguas do caminho principal, onde se dedicavam à cultura do cacau. Deveria realizar um batisado nas imediações. Mal informado porém, andei largo tempo errante, até afinal encontrar a dita fazenda de cacau, que, diga-se de passagem, estava apenas em fase de organização. O dono da fazenda, nos seus últimos tempos em Berlim, até já se havia desligado da Congregação, decepcionado com os constantes desaguisados entre os pastores e contrariado com as experiências que êle e vários de seus parentes houveram tido com ministros gananciosos! Este foi o primeiro de outros e abençoados contactos. Aliás, voltando ao caso, realmente às vezes fica-se estarrecido com a ganância dêsse ou daquêle guia d'almas. Comigo e com a minha família dava-se justamente o inverso. Mas não me arrependo por haver adotado êsse princípio na vida, pois minhas observações me levaram a concluir que uma comunidade pode contemporizar até com um ministro alcoolatra e péssimo orador, mas é inclemente com o ganancioso.

Sendo muito acanhada a residência da família que iria batisar, e já que a sra. F. seria uma das madrinhas, decidiu-se celebrar a solenidade na casa desta última. Era o dia 26 de Agôsto.

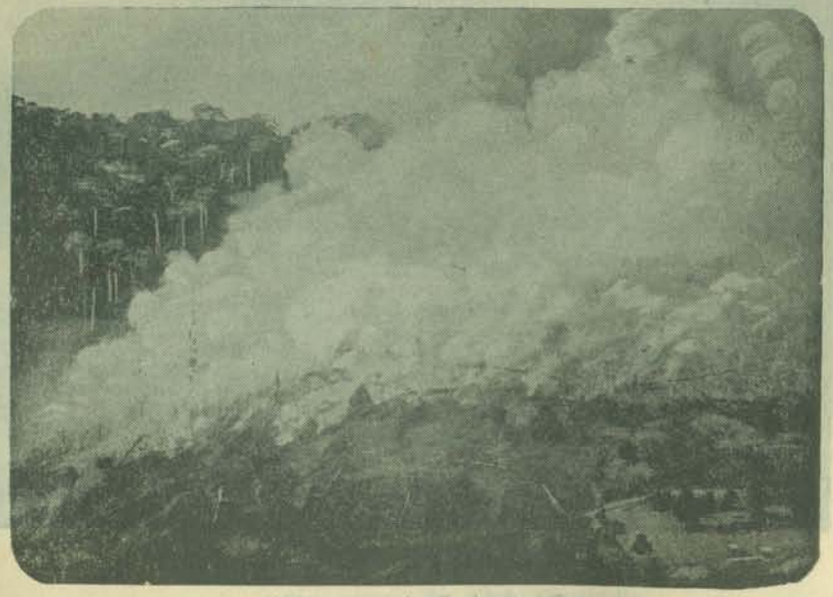
No dia 27 fizemos todos juntos, uma excursão ao rio Mucurí, distante 4 quilômetros, e no dia imediato prossegui viagem para Aymond (28 a 29 quilômetros).

Na tarde do domingo dia 29, os poucos alemães alí residentes, reuniram-se para o culto. No dia 4 de Setembro, anunciava a Palavra de Deus em francês no seio de uma família franco-suiça, no Pigui. Insisti tanto, que afinal êles foram apanhar seus velhos Psaltérios (hinários) franceses, para embelezar o culto. Entre os presentes havia uma certa senhora Bataard, professora em sua terra natal — a Suiça, e agora mestra na roça.

No dia seguinte, houve mais um culto em Pigui, com distribuição da Santa Ceia. Apezar de estarem presentes apenas 20 pessôas, sempre eram 20 almas mortais!



Vista de uma propriedade na colônia Francisco Sá
Teilansicht von der Kolonie Francisco Sá



Queimada — Brennende Roça

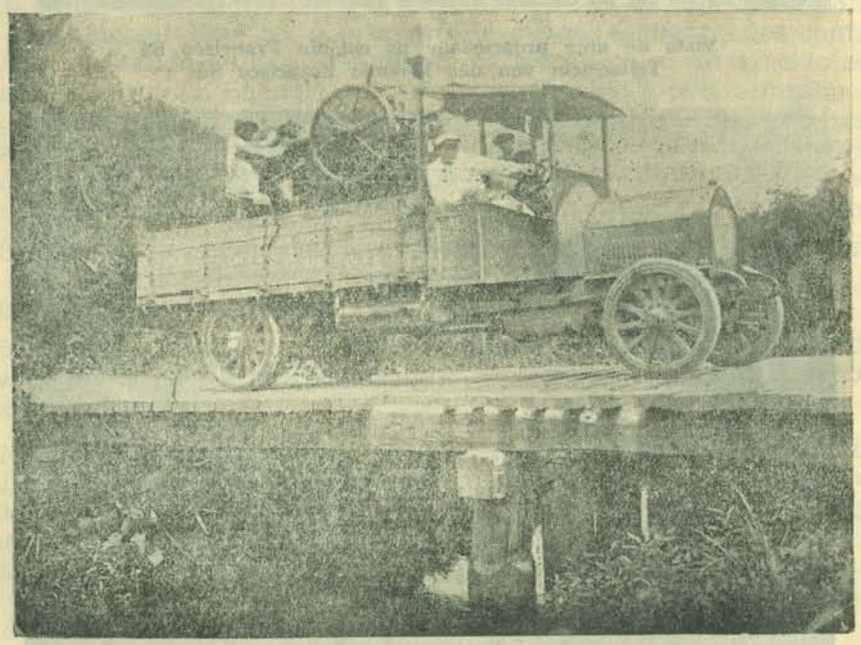
De Pigui viajei para Barreado e Santa Clara, onde ministrei em diversas casas. Especialmente a brasileiros, portuguêses e italianos.

A viagem de regresso tive de iniciar sem companhia. Não topei com viva alma por uma extensão aproximada de 40 quilômetros. Após ter viajado 20 quilômetros, apeei, e estando só, tive de manter o cavalo amarrado, pois dificilmente conseguiria sózinho pegá-lo, sôlto em campo aberto. Apanhei um comprido cipó, e amarrado com êle conduzi o animal até uma relva próxima, onde recebeu sua ração.

Minha merenda era um frango em farofa. Não poude beber da água da lagoa, porque nas imediações dela, os urubús trinchavam a carniça de uma mula, às 5 horas da tarde, notei que ia me aproximando de um alacre tinir de cincerros, partido de dentro da mata: era uma tropa. Por coincidência, o tropeiro era um velho conhecido meu! Cheio de alegria ofereceu-me o tradicional cafézinho, que aceitei de muito bom grado. Pouco depois também compartilhei do indefectível prato de feijão com farinha.

Visto que naquêle lugar crescia um cipó venenoso, e já que tencionava viajar à noite, aproveitando o luar prateado, o tropeiro prendeu todos os seus animais antes do crepúsculo.

Antes das 9 horas da noite, o estafeta, que vinha de Aimorés, também alcançava o acampamento. Pouco depois, o carteiro e eu despedimo-nos do tropeiro que ia em direção oposta, e ao amanhecer do dia seguinte, 26 quilômetros de percurso estavam vencidos, inclusive aquela região dos sanguinários indigenas.



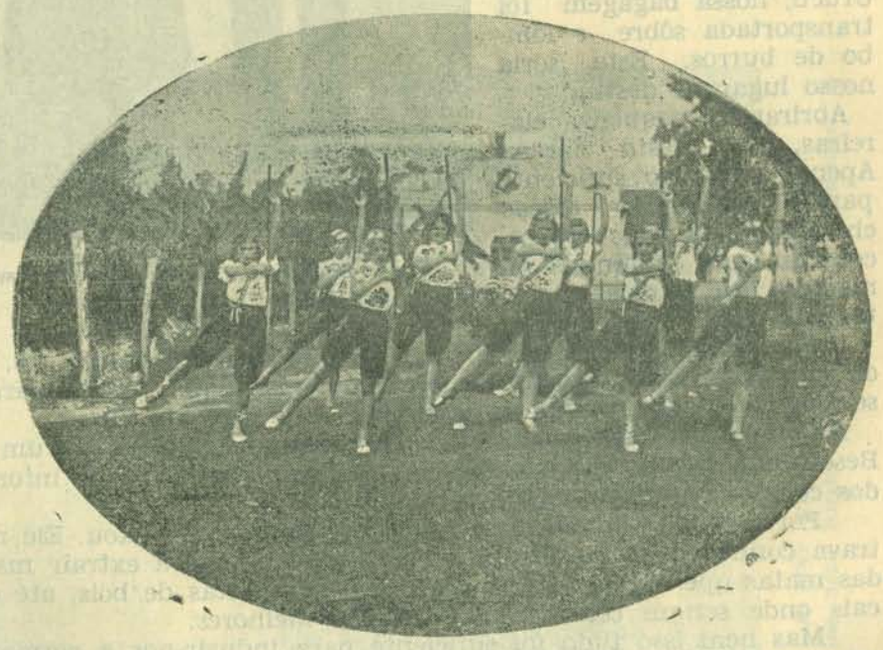
O primeiro caminhão em Teófilo Otoni (1924)

Der erste Lastwagen (1924)

No dia 20 chegávamos àquela casa de fazenda, onde fizera minha primeira parada. No dia 21 levara o confôrto da Palavra a um brasileiro enfêrmo, membro da Comunidade, e que residia num desvio da estrada principal. Lá demorei-me por algumas horas. Ele só permitiu que eu me retirasse, depois de prometer-lhe para breve uma visita, promessa que de fato já cumpri duas vezes, apesar dos 10 quilômetros que dêle me separam.

De passagem visitei ainda outros membros residentes ao longo da estrada, os quais de outra forma, raramente visitaria, dada a distância que os separa da séde.

Ao anoitecer do dia 21, ainda que bastante extenuado pela dura jornada, transbordava jubiloso de gratidão a Deus. É que naquêle momento, abraçado efusivamente por meus familiares e vizinhos, voltava são e salvo, ao recesso de meu lar, de onde estivera ausente por mais de um mês.



Grupo de ginástica do Clube Concórdia

Turngruppe des Club Concórdia

Reminiscências coletadas por Franz Schaper, Senior

Depois de uma viagem de 9 semanas, o veleiro que nos trazia ao Brasil, aportou no Rio de Janeiro. Desde aí até Filadélfia, a viagem foi patrocinada pela "Companhia Mucurí". Em São José, fomos embarcados num pequeno vapor, o qual deveria trazer-nos até Santa Clara, pelo Mucurí. O vapor encalhou várias vezes nêsse trajeto, devido ao baixo nível das águas, nessa época. Em consequência disso, ficou com o casco imprestável.

Franz Ferdinand Schaper e sua esposa, Da. Emilia, nasc. Fidelschuster.

Dêsde Santa Clara até Urucú, nossa bagagem foi transportada sôbre o lombo de burros. Este seria nosso lugar de destino.

Abriram-se pequenas clareiras, na floresta virgem. Apenas o espaço suficiente para erigirmos tôscas choupanas de paus roliços, cobertas com tabuinhas ou madeira leve. Janelas e portas não havia!

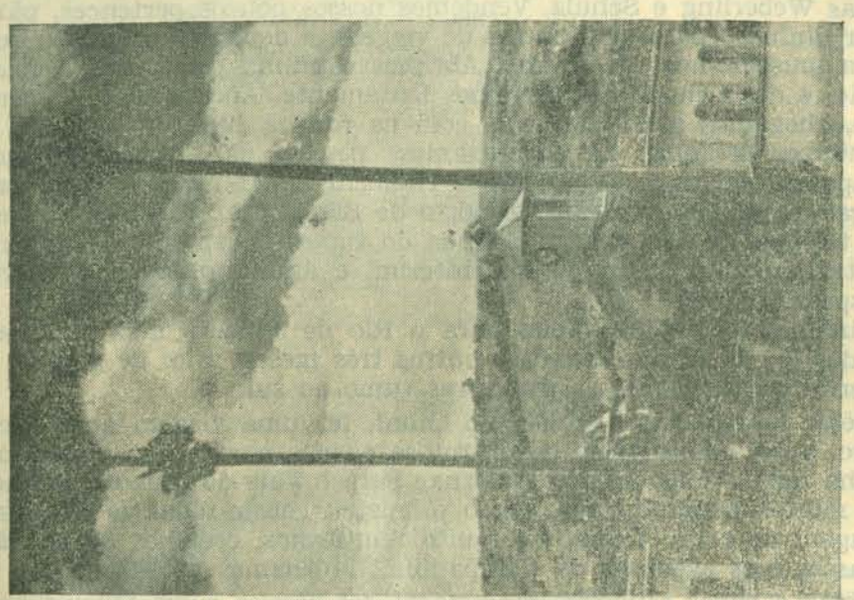
Essas choças ofereciam pouca segurança contra serpentes, feras ou indigenas. Estes últimos faziam frequentes saques, e nós, para não sermos trucidados, tinhamos de assistir tudo com bôa cara!

A Companhia fornecia alimentos, que eram distribuidos por um certo Besenstein. Ele porém desviava muitas mercadorias, e os infortunados colonos chegavam a padecer fome.

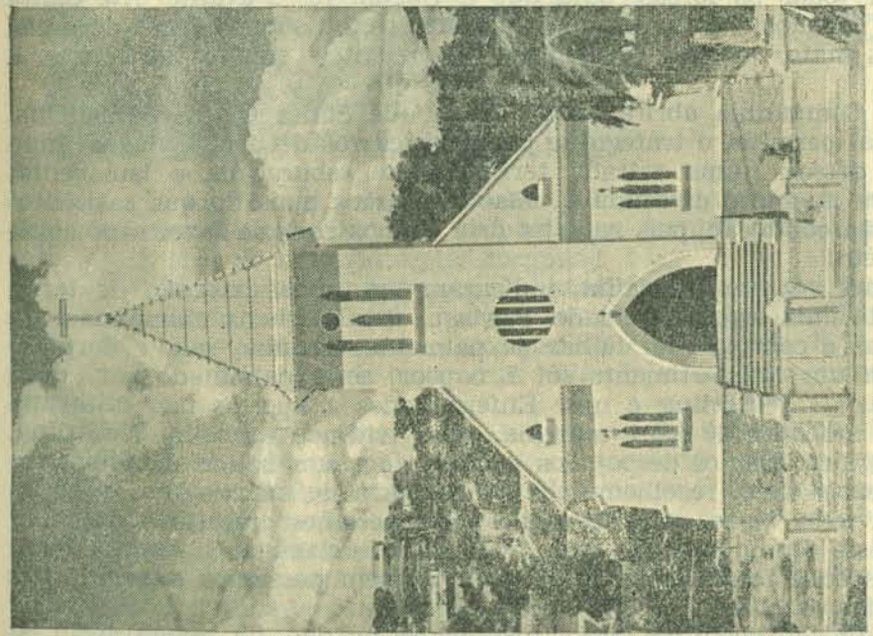
Por diversas vezes o diretor Teófilo Otoni, nos visitou. Ele ministrava conhecimentos práticos de lavoura e mandava extrair madeira das matas que era arrastada para fora por juntas de bois, até os locais onde seriam construidas moradias melhores.

Mas nem isso tudo foi suficiente para induzir-nos a permanecer alí por mais tempo.

Quando soubemos, que no Rio Grande do Sul, estavam radicadas



A igreja antiga da Comunidade Evangélica.
Die alte Kirche der Evangelischen Gemeinde.



A nova igreja da Comunidade Evangélica.
Die neue Kirche der Evangelischen Gemeinde.

muitas famílias alemãs, decidimos emigrar para lá em companhia das famílias Weberling e Schulz. Vendemos nossos poucos pertences, para apurar dinheiro para as despesas de viagem, e depois, juntando o que restara, pusemo-nos a caminho. Abrimos caminho pela mata a foice a facão, e dêste modo avançavamos lentamente. Após 9 dias de peripécias, chegamos a São Mateus, com as roupas sujas e rasgadas, e semi-mortos de fome! Lá encontramos pessôas carinhosas, que nos reequiparam de roupas e provisões. Também cederam-nos burros para carregar nossa bagagem até ao pôrto de Santa Clara. Um mês inteirinho tivemos de aguardar aí a vinda do vapor. Felizmente os homens encontraram emprêgo para êsse interim, e assim foi possível cobrir as despesas diárias.

Finalmente embarcávamos para o Rio de Janeiro, mas uma vez chegados lá, foi preciso demorar outros três meses, afim de ganhar o suficiente para adquirir as passagens rumo ao sul.

Nêsse tempo o diretor Teófilo Otoni, fez uma viagem ao Rio de Janeiro, e por coincidência encontrou-se na rua com a sra. Weberling e minha mãe. Persuadiu-as a retornar para o Vale do Mucurí, prometendo muitas melhoras, bem como prometeu cobrir tôdas as despesas da viagem de volta. Depois de muito relutarmos, cedemos afinal às persuasões e às expensas da Companhia, retornamos até São José.

Como o vapor estivesse imprestável, foi preciso subir Mucurí acima, nas lanchas de cobre. Todos os homens a bordo, tiveram de empenhar tôdas as fôrças, para que a viagem fôsse avante. Até Santa Clara, levamos 6 dias. Às noites dormíamos, ou sôbre bancos de areia, ou nas matas virgens ribeirinhas, ao relento, sujeitos ao frio e à chuva.

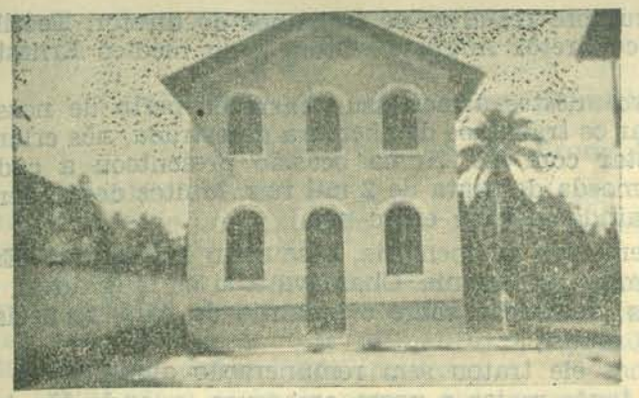
A Companhia abrira uma estrada de Santa Clara à Filadélfia, que mal permitia o tráfego de pequenos carros de boi. A viagem num carro dêsses, numa estrada terrívelmente esburacada e lamaçenta, não era lá muito divertida... Mas estávamos mais do que satisfeitos com essa condução, pois na falta dela, só nos restaria fazer a pé aquêle trajéto.

Uma vez em Filadélfia, indicaram-nos uma extensão de terra, distante uma légua da cidade. Havia aí uma pequena choupana feita de ripas e coberta com fôlhas de palmeira. Cozinha, sala e dormitório, era um compartimento só! E o peor: seria partilhado por duas famílias — Weberling e nós! Enfermidades e apertos não faltavam. Fomos atacados de febre maligna, que vitimou ao velho Weberling. Em seguida éramos despojados de tudo, por um bando de índios.

Depois disso, recolhemo-nos à residência de um vizinho, que morava a meia légua da cidade. Ali permanecemos durante 8 dias.

Nêsse tempo sucedeu, que dois colonos deixassem a região. Compramos suas terras e benfeitorias e, também passamos a residir nas cercânias da cidade.

A 19 de Agôsto de 1868, justamente no dia da inauguração da igreja, um longo cortejo de 9 ou 10 carros de boi, trazendo homens,



A igreja da Comunidade evangélica luterana.

Kirche der evang.. lutherischen Gemeinde.

Casa pastoral da Comunidade evangélica luterana.

Wohnhaus des Pastors der evang..lutherischen Gemeinde.

mulheres e numerosas crianças, vinha subindo lentamente as sinuosas estradas! O espetáculo nos proporcionou imensa alegria, pois era uma nova leva de imigrante que chegava!

Um outro contingente, também destinado para cá, foi no entanto encaminhado pelo Govêrno, para uma outra região. Isso foi motivo para uma ação judicial, entre a Companhia e o Govêrno. Este último, perdendo a causa, teve de assumir a direção e o financiamento da Colônia.

Asim, o primeiro pastor, rev. Hollerbach, foi subvencionado e encaminhado para cá, pelo Govêrno. Foi nomeado também, um novo diretor — Dr. João de Carvalho. Cidadão germanófilo, dedicou-se juntamente com o pastor Hollerbach, aos imigrantes, não só em conselhos, mas também em ações concretas.

Fizeram-se as primeiras agrimensuras; construiram-se casas para alojar condignamente os futuros imigrantes.

Há ainda muitos outros benfeitores, que merecem imorredoura gratidão. Tentarei citar os mais destacados.

Dentre os mais, cumpre ressaltar os trabalhos do diretor, Teófilo Benedito Otoni, do vice-diretor Augusto Otoni e do médico Ernesto Otoni.

Quando o primeiro dêstes armou seu barracão perto de nossa casa, para supervisionar os trabalhos de abertura da estrada, nós crianças gostávamos de estar com êle. Numa ocasião presenteou a cada um de nós, com uma moeda de prata de 2 mil réis. Muitos descendentes da família Otoni, ainda residem entre nós.

Trago também, bem vivo na memória, o saudoso Dr. Manuel Esteves Otoni, grande amigo da Colônia. Chamava a si os imigrantes, e além de ministrar-lhes instrução sôbre o plantio do café, fornecia-lhes gratuitamente as mudas!

E quantos enfêrmos êle tratou sem remuneração alguma!

Por tudo isso, foi tanto maior a nossa amargura, quando tão jovem e tão trágicamente desaparecia êsse benfeitor, abatido a tiros em plena rua, por um tal Antônio Figueiredo.

Outro que merece ser sempre lembrado, é o Dr. Pedro Versiani. Foi êle que representou a Colônia, perante o Govêrno, e conseguiu a anulação das dívidas sôbre às terras, que ainda faltava saldar.

Também os engenheiros do Govêrno — Heinrich Schroeder e Albert Schirmer, se tornaram credores de todo o nosso aprêço.

Um fato singular, deu-se com o último. Ia certa vez vencendo a pé, o trajéto de Teófilo Otoni a Santa Clara, quando inesperadamente topou com uma onça! Armado apenas de facão e de uma espingarda de pólvora, não se animou a disparar sôbre o animal. Poderia não acertar bem... e onça mal ferida, é um perigo!

Por isso manteve-se imóvel, com os olhos enérgicamente fixados sôbre a fera. Com pouco, o animal coleava preguiçosamente o corpo e desaparecia dentro da mata!

No ano de 1873, o Govêrno enviou uma comissão, para novas agrimensuras, sob a chefia do engenheiro Dr. Argollo. Amigo nosso, em companhia do pastor Hollerbach, interferiu junto aos Poderes, e foi-nos concedido um novo prazo de 12 anos, para o pagamento das dívidas. Foi também êle que interessou o Govêrno pela construção de uma estrada de ferro. Três anos depois, ainda sob a sua direção, os trilhos alcançavam Aimorés!

NOTA: O sr. Franz Schaper, nasceu a 1.º de Agôsto de 1855, em Ortfriesen (Hannover), Casou-se em 22 de Setembro de 1881, com Emilie Fidelschuster, a qual nascera a 22 de Setembro de 1860, em Reichenbach (Vogtland).

Em primeiras núpcias, o sr. Franz Schaper, estivera consorciado com Wilhelmine Marie Weberling, união rompida pela morte desta, decorridos nove mêses apenas de casados. Com a idade de 80 anos, falecia o sr. Franz Ferdinand Schaper, em Teófilo Otoni, a 1.º de Março de 1936.

Passagens da vida dos primeiros colonos

(Das anotações do sr. Bruno Marx)

Atualmente que há luxo e comodidade em quase tudo, já é difícil fazer-se uma imagem das dificuldades com que tinham de lutar os primitivos colonos.

Se hoje, por congestionamento do tráfego é retardado a vinda de um artigo de primeira necessidade, imediatamente o clamor se eleva, como se a vida fôsse insuportável, quando privada por alguns dias de uma determinada miudeza!

Qual era a sorte de nossos antepassados?

Designava-se-lhes uma porção de mata à beira rio, e depois, que se houvessem para sustentar os seus familiares.

Antes da alimentação, era preciso cuidar do abrigo! E tinham de dar-se por satisfeitos com uma choupana provisória de ripas de palmeira e folhagem, erguida numa clareira da mata virgem! Só depois começavam a preparar o local e a madeira, para a residência definitiva. Derrubavam-se árvores; extraiam-se tôcos, para que ao menos em redor da casa houvesse um terreiro aberto.

Juntavam-se alguns troncos, e estava pronto o arcabouço da casa! O resto era feito com bambú, barro e cipós. Para a cobertura usavam-se fôlhas de palmeira, cascas de árvore, ou então, quando a residência era de luxo — telhas de madeira. Este era o máximo que uma família podia desejar em confôrto.

Só depois dessas providências, dava-se início à derrubada da mata, afim de conquistar espaço, para o plantio de feijão, milho, mandioca e as primeiras mudas de café.

Desconhecendo o solo, clima e regime da lavoura brasileira, muito diferente do sistema europeu, ao qual estavam habituados, tiveram os primitivos colonos, amargas decepções. Mas a sua perseverança, e o seu ânimo forte venceram, e afinal êles se transformaram em verdadeiros mestres de agricultura, para os posteriores imigrantes. As donas de casa e mães, tiveram também seus problemas, no que respeita à culinária. Muito diverso do daqui, era o cardápio da terra natal. Ali era hábito, oferecer pratos diferentes, todos os dias, mas aqui, na floresta virgem, era feijão e arroz, e arroz e feijão. Um naco de toucinho, arroz ou carne, eram nos primeiros tempos, petiscos tão raros, que aquêle colono que os tivesse vez ou outra, sôbre a mesa, teria sido considerado esbanjador!

Os primeiros porcos, foram carneados ao meio da engorda, o que aliás, é muito compreensível, em vista daquela longa abstenção forçada, de carne e gordura. Vez ou outra, caso a bolsa o permitisse havia carne sêca. Porém na maioria das vezes, devido ao longo transporte, a carne apresentava sinais de deteriorização. Nessa fase difícil,

Teófilo Otoni, não mediu esforços para tornar suportável a vida aos colonos. Isso lhe grangeou respeito e simpatia.

Se não fôsse êle, quem tomaria nossa causa, quando só havia botocudos em tôrno de nós?

Teófilo Benedito Otoni, visitava seguidamente aos colonos, e trazia-lhes dádivas e ânimo! A um deixava uma galinha; a outro um leitão, e assim por diante. Quando na visita seguinte, percebia que aquêles animais, haviam sido conservados para procriação, e que não enveredaram logo pela estrada que vai da panela ao estômago com redobrado ânimo, providenciava outros auxílios.

O seguinte fato, contado por Karl Roedel a Bruno Marx, bem demonstra, quão desconhecidos, eram aos primeiros colonos, os produtos do solo brasileiro.

Em uma de suas visitas à casa do sr. Friedrich Roedel, pai de Karl Roedel, Teófilo B. Otoni deixou alí três bananas. Roedel descascou uma das bananas e repartiu-a entre as crianças. As outras duas, foi plantá-las no quintal.

Algum tempo depois, Teófilo Otoni visitou novamente ao sr. Roedel, e êste tentou explicar alguma cousa, mas não sabendo expressar-se em português, tomou uma enxada, e fez sinal para que Teófilo Otoni o acompanhasse. Chegando em determinado ponto do quintal, removeu suavemente e com cuidado a terra, e eis que surge a ponta de uma banana podre...! Então Teófilo Otoni, compreendeu o que Roedel tentára explicar antes. Riu às bandeiras despregadas! Mas agora era o Roedel, que ficava boquiaberto, sem atinar com a razão de tanto riso! Só no dia seguinte, compreendeu tudo, quando Teófilo Otoni voltou, trazendo duas mudas de bananeira e plantando-as em sua presença, para ensiná-lo como se cultiva essa planta.

Hoje ficamos perplexos, diante de tais relatos, e talvez tenhamos ímpetos de rir como Teófilo Otoni, mas convém não esquecer, que para um europeu daquêles tempos, uma banana era fruto tão desconhecido, como para nós são desconhecidos os "marcianos".

Quantos outros fatos parecidos terão se passado, porém não transmitidos até nós?

Quando mais tarde chegou a segunda grande leva de imigrantes, tudo era mais fácil, porque êles podiam contar com os conselhos e orientação, recursos, conhecimentos agrícolas e animais domésticos, de seus antecessores. Encontraram fartura de produtos alimentícios, de vez que práticamente ainda nada se exportava. Com a vinda de novos imigrantes, renovava-se o ânimo dos mais antigos, e existindo já o templo evangélico, o domingo proporcionava reconfortantes encontros. É que após os cultos, os grupos se formavam, e cada qual tinha suas experiências e outras cousas para relatar. Não faltava o aperitivo. Como é natural, não raras vezes os ânimos se exaltavam por causa da diferença de opiniões, sôbre determinada cousa. Especialmente, quando o calor de uns dois ou três aperitivos chegava ao sangue...

Ao que consta, os mais divertidos, eram os colonos de São Jacinto, os quais promoviam frequentes reuniões dançantes, em casa do sr. Johann Braun. Estas reuniões grangearam ao local, uma denominação típica: "Boi Bravo". Por aí se deduz, que naquelas reuniões não se observava a mole etiqueta da alta sociedade, porém a preocupação única, era a de, dançando e bebendo, esquecer as agruras do trabalho cotidiano.

Consta, que posteriormente, tais reuniões de canto, dança e aperitivos, passaram a realizar-se na residência de Roberto Keller.

Como já foi dito, havia produtos em fartura, mas não havia venda ou exportação, e consequentemente não dispunham os colonos de dinheiro, para adquirir alguma cousa, além daquilo que suas terras produziam.

Dêsde tempos primitivos, os germânicos estão habituados ao pão. Por aí pode se imaginar, quanta renúncia era necessária, para suportar agora a ausência dêsse alimento. Devido à falta de dinheiro, não era possível adquirir farinha.

Porém, a lavoura produzia milho em quantidade, e isso possibilitou a fabricação de uma farinha de milho (fubá). Mas como o fubá sózinho se esfarelava, juntou-se cará ralado, à massa do pão, para dar-lhe consistência. E o nunca esquecido pão, reaparecia sôbre a mesa!

Em dias santificados, como Páscoa, Pentecostes e Natal, caso houvesse dinheiro, vivia-se regaladamente a bôlo e mingáu. Quando surgiu a padaria do sr. Frederico Rausch, era possível adquirir "Pfefferkuchen" e "Stollen".

Em tôda parte plantava-se café. Mas como faltasse experiência, deixou-se apenas o espaço de 1,75 mts. entre um e outro pé, e então fomos obrigados a arrancar cada segundo pé, para permitir o desenvolvimento normal dos demais. Afinal vimos chegado o dia em que o primeiro café era colhido e exportado.

No ano de 1867, precisamente 11 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes, processou-se à primeira exportação, que atingiu a "fenomenal" quantidade de 1.400 quilos!

Não havia, como hoje, há em muitas fazendas, beneficiadores de café. Esse serviço era todo êle feito a mão. O preço do café era insignificante.

Em 1883, os 15 quilos eram cotados a 500 réis!

Vejam-se ainda alguns prêços, daqueles tempos, de outras utilidades:

1 dúzia de ovos — 120 réis
1 alqueire de milho — 1 500 réis
15 kg. de toucinho — 3 a 4 mil réis
1 galinha — 120 a 200 réis
1 alqueire de feijão — 3 mil réis.

Visto, que a cultura do café, passou a ser o principal negócio, os outros cereais plantavam-se sómente, tanto quanto era necessário para o gasto.

Se em 1867, a exportação da rubiácea, atingia apenas a 1.400 quilos, atualmente o município exporta por ano 250 mil sacas de 60 quilos! Êsse progresso deve-se sem dúvida à melhoria dos meios de escoamento do produto. Primeiramente com a criação da "Estrada de Ferro Bahia-Minas" e, mais tarde, com a abertura da Estrada Federal "Rio-Bahia".

Acima de tudo, porém, vamos creditar o progresso aos pioneiros da colonização, plantadores do primeiro café; dêsse café que fez a grandeza de Teófilo Otoni. Com razão podemos afirmar, que a "primeira geração, arrostando penúria e morte, para seus descendentes proveu o pão, e assim contribuiu para que os pósteros vivam ainda hoje, em bôa situação".

Memórias de um imigrante que, ainda criança, veio ao Brasil com seus pais

(Públicadas no "Gemeindeblatt" — revista da Comunidade Evangélica — do ano de 1931, n.º 6 e 7. Autor desconhecido, mas crê-se, tenha sido o imigrante, sr. Baldow.)

Nasci em Eichberg, sôbre o Oder, distrito de Krossen, aos 16 de Novembro de 1846. Como tôdas as crianças de meu tempo, vivi uma infância feliz, bem nutrido com batatinhas e papa de trigo. Frequentei a escola próxima, onde meu avô era o mestre. Não ráras vezes tive desagradáveis contactos com a vara...

Quando tinha 10 anos de idade, meu pai e alguns vizinhos, tomaram a decisão de emigrar e tentar a sorte em plagas remotas. Primeiramente, pretendiam rumar para a Austrália, mas quando lhes caiu nas mãos um folheto de propaganda fantástica e intensa, distribuido pela Firma "Schlobach & Morgenstern", pintando ao Vale do Mucurí, no Brasil, como uma espécie de Eldorado, decidiram trocar a Austrália — terra do ouro, pelo Brasil — terra das palmeiras!

Então começou a azáfama da partida: Transportes, documentos, venda de imóveis, malas, baús, pacotes, etc. E depois o melancólico "Adeus" aos que ficavam.

Alegre por estar livre dos duros bancos escolares, compungia-me ao mesmo tempo, a perspectiva de nunca mais rever os meus bons avós. Nem mesmo a bela moeda de dois "talers", que recebi como lembrança de meu avô, teve o encanto de diminuir a tristeza da partida.

Conforme meus avós escreveram mais tarde, muitas vezes à noite, sentados sôbre a cama, choravam preocupados com a sorte desconhecida dos filhos e netos.

Quando os carros carregados de bagagem, faziam pela última vez os caminhos do bucólico povoado natal, as mulheres soluçando mergulhavam os rostos nos lenços, e até mesmo os homens não podiam esconder a furtiva lágrima de saudade.

De Francfort, viajamos de trem até Hamburgo, onde fomos alojados no hotel de emigrantes da Firma Rainer, pois o navio "**Sophia**" que deveria trazer-nos até êste lado do Atlântico, ainda estava ultimando os preparativos para a partida. Assim tivemos oportunidade de conhecer melhor a cidade de Hamburgo.

Meu pai permitia, que eu o acompanhasse em suas idas à cidade, para adquirir muitos utensílios de que carecíamos, como colchões, talheres, etc.

"**Sophia**", era um belo veleiro de três mastros. Já fizera uma viagem ao Brasil. Quase perdi a mão na hora da partida, quando inadvertidamente segurei-me na borda superior do casco. Felizmente houve apenas uma contusão, bastante dolorosa, porém por longo tempo.

Quando me lembro daquêle embarque, acode-me à memória, a poesia de Freiligrath:

"O EMIGRANTES"

Dizei-me vós, por quê abandonais vosso natal torrão?
Cevada e vinho, os há na sorridente várzea, em flôr.
A Floresta Negra... sombrios pinheiros em profusão!
E nas canhadas, o éco alacre da tuba do pastor.
Longe, na solidão de ignotas selvas tropicais,
Que nostalgia sentireis dos cumes viridentes
E das ondulações douradas dos trigais...
O timoneiro chama! Adeus. Segui em bôas mãos!
Deus dê, às vossas almas, a paz que sempre dura
E faça florecer os vossos campos com fartura,
Vós filhos, pais, vós moços e anciãos.

Elba abaixo, a viagem foi suave. Mas nos dias seguintes, ela se tornou terrível, quando nosso veleiro balançava, subindo e descendo sôbre vagalhões da altura de uma casa. Era como se a nave se sacudisse de tanto rir à nossa custa!

Pagávamos pesado tributo a Neptuno, caindo e rolando; gemendo e praguejando. Mais tarde, no Oceano Atlântico, já ia muito melhor. Eu, menino de 10 anos, pouco sofri dos sustos e aflições da viagem marítima. A mim me interessava muito mais o cardápio! O arroz com passas de uva; cevada com melado; jabá (xarque), batatinhas, chucrute e arenque... Aos domingos, também havia pudim e frutas em conserva, e para cada grupo de seis a oito pessôas, uma garrafa de vinho! O pão em geral, era de centeio, e as mulheres, muitas vezes faziam disto uma gostosa sôpa!

Os dias iam passando e finalmente, após mais ou menos 9 semanas de viagem, entrávamos pela Baía de Guanabara, para ancorar no

pôrto da cidade do Rio de Janeiro, mundialmente famosa, pela sua extraordinária beleza. Mas ainda estávamos longe do destino.

Trocamos o veleiro confortável, por um pequeno e sujo vapor, o qual, singrando para norte, ao longo da costa, trouxe-nos até a desembocadura do rio Mucuri. Dizia-se, que alí ficava a cidade de São José de Pôrto Alegre. Vimos apenas uma casa solitária...

Alí baldeamos para um pequeno vapor fluvial, o qual, rebocando ainda algumas "chatas", conduziu-nos rio acima.

Ah, como era tudo tão diferente do que imaginára...! Então aquêle emaranhado de árvores, cipós e vegetação rasteira, que crescia ao longo do rio, era a tão decantada mata virgem...?

De vez em quando, conseguimos enxergar jacarés, e de espaço em espaço, uma canôa. Mas habitação humana, nenhuma.

Após dois dias de viagem, chegávamos à Santa Clara.

Nêsse tempo havia alí, apenas uma casa comercial, maior e alguns casebres de barro. Uns tiros disparados ao ar, eram as "bôas vindas", em resposta ao apito da sereia do vapor... Nós os recém chegados, sentíamos o ânimo desfalecer a cada instante. O prato de feijão carunchado com farinha, que nos era servido todos os dias, prenunciava o quê nos aguardava daquí por diante.

Nem mesmo o apêlo de um certo sr. Voigt, que se dizia agênte da Companhia, para que não desanimássemos, porque aquilo era apenas o Pôrto, ao passo que o alojamento distava a uma meia hora dalí, conseguiu anular nossa decepção. É verdade, que isso animava um pouco, mas a notícia seguinte, de que a estrada dalí até Filadélfia — ponto final da jornada — era trafegável apenas em parte e só por carros de boi, nos aniquilava! A maior parte do trajéto, deveria ser feito sôbre lombo de burro! E os nossos grandes baús de viagem? Como transportá-los? Porém não havia outro meio, senão deitar mãos à obra e apressar a viagem.

Concluidos todos os preparativos, a caravana, um dia dêsses se pôs em movimento. As crianças e aos enfêrmos, era permitido, que viajassem sôbre a carga. Os demais porém, seguiam a pé, atraz dos carros.

A estrada descia a serra, os panoramas eram encantadores. Mas a jornada tinha um sabor de tragédia, visto que, a resistência física, era sustentada apenas pelo parco prato de feijão e farinha, com quase nenhuma gordura! À noite, cada qual tinha de ver, como se ageitava sôbre o couro de boi, à guisa de cama.

Devido ao péssimo estado da estrada, venciamos diáriamente distâncias muito pequenas, e assim demorou muitos dias, até atravessarmos a última ponte — sôbre o rio Todos os Santos, e entrarmos lentamente em Filadélfia. Naquêle tempo, raras eram as casas de tijolos. A maior parte, não passava de míseros casebres de barro.

Em parte, fomos alojados na assim chamada "caserna", que ao mesmo tempo, era a cadeia pública. O resto foi encaminhado a uma grande casa, ainda inacabada. Onde se acha localizada a atual

Praça Tiradentes, havia um amplo galpão, que a um tempo era armazém, mercado e residência do diretor da Colonização.

A única estrada geral, então Rua Direita, e hoje, Rua Getúlio Vargas, em dias de chuva, transformava-se num verdadeiro mingau de lama avermelhada! Só muito mais tarde apareceram as primeiras calçadas.

A muitos dentre os nossos fugiu o ânimo e, por isso, transferiam residência, para tentar a sorte em outros lugares.

Mal nos acostumávamos, às primeiras surprêsas decepcionantes, quando correu a notícia, ainda mais desoladora, de que ainda não haviam sido demarcadas nossas respectivas porções de terra! Isso significava, que deveríamos ter paciência, e cada qual devia resignadamente erigir para sí, um provisório quartinho de barro, bambú e cipós, e alí aguardar a solução do problema. Quem visse aquêle aglomerado de acampamentos, diria talvez, que estava aí um bando de ciganos... Por coincidência feliz, havia entre nós, um agrimensor. Foi convidado pelo engenheiro Schlobach, para auxiliá-lo na divisão das terras de São Jacinto.

Dois mêses depois, pudemos iniciar, naquêle suburbio, o para nós, duro porque estranho, trabalho de derrubada das matas.

Às nossas quatro famílias, foram destinados terrenos extremantas, e assim estávamos sempre próximos uns dos outros, em condições de auxiliar... e consolar-nos reciprocamente. Em pouco tempo, o vale do São Jacinto, era todo habitado por imigrantes. Concomitantemente ia se povoando a várzea do São Benedito, quase que exclusivamente por pomeranos.

Os alsacianos e tiroleses, fixaram-se nas adjacências do Santo Antônio.

Os pomeranos, á que estavam descontentes. A Companhia prometêra melhorar as estradas, para que os produtos tivessem por onde escoar. Não cumprira a promessa. Em face disso, resolveram apelar diretamente ao Imperador D. Pedro II. Êste, de certo poderia tomar as providências necessárias, para melhorar a situação.

Escolheram o sr. Hoppe, como seu emissário, com plenos poderes para tratar o caso perante a Côrte, no Rio de Janeiro. Mas como não vinham notícias, enviaram mais dois representantes: Hirle e Fricke. Cada colono, contribuiu com 2 mil réis, para cobrir as despesas de viagem dos dois.

E um belo dia, lá se foram êles, pés descalços, calças arregaçadas, muchila sôbre as costas e, empunhando um grosso bordão, dispostos a alcançar o poço imperial e contar alí as misérias dos imigrantes.

No entanto, também êsses deputados, não obtiveram o êxito esperado. Mas puderam apurar um grave fato: o sr. Hoppe se deixara subornar, traindo assim a confiança que lhe fôra creditada.

Em represália, quando de volta, os colonos invadiram sua residência, e arrastaram-no para fora, aplicando-lhe tremenda sova!

A Companhia colocou muitos trabalhadores nas obras da Estrada Teófilo Otoni-Santa Clara. Forçou-os a um ritmo intenso. Ainda assim, o trânsito permaneceu impedido por muito tempo. Quando afinal, havia trânsito para carros de boi, ficou assente que também aquela região seria colonizada.

Nessa época, as matas ainda estavam infestadas de índios, sempre hostís, pertencentes à tribo dos botocudos. Em certa ocasião, um bando dêles assaltou uma família de portuguêses, residente às margens do rio Barreado. Exigiram que se lhes desse um machado. Uma vez de posse dêle, usaram-no para esfacelar a cabeça do jovem que o entregára, e em seguida, trucidaram o restante da família. Só uma mocinha de 16 anos, mesmo atingida por uma flecha, conseguiu fugir, aproveitando a confusão do momento.

No vale do Urucú, já residia um ferreiro alemão, de nome Sommerlatte, ao tempo em que os holandeses começaram a povoar aquela região. Graças à sua retidão e lealdade, Sommerlatte conquistou logo a amizade e a confiança de seus novos vizinhos. E sob seu comando foi feita uma campanha contra os agressivos índios, o que custou a vida de muitos selvícolas.

Por muitos anos as viagens pela estrada de Santa Clara a Filadélfia, só podiam ser feitas à noite (quando o indígena se recolhe).

Mais do que nenhum outro, o sr. Sommerlatte, tinha de andar precavido ao máximo, porque o ódio dos botocudos se concentrava especialmente sôbre a sua pessôa.

DEPOIMENTOS DO SR. OTTO VOGEL.

O sr. Otto Vogel, nasceu a 22 de Setembro de 1876, em São Pedro, filho de Eduard Christian Vogel.

Em seus escritos, descreve a colonização de São Pedro, conforme lhe foi transmitido pelos pais e irmãos mais velhos.

A colonização de São Pedro, por imigrantes, processou-se nos anos de 1875 e 1876. Eram às famílias Dreyer, Klier, Fritsche, Seiffert e Vogel.

Não havendo estradas, abriu-se a facão uma picada atravez da mata, a qual depois foi avançando até o atual Valão, margeando sempre o córrego Santo Antônio.

Uma vez instaladas em ranchos provisórios, o Govêrno procedeu à divisão das terras, para as respectivas famílias. Essas glebas seriam pagas sómente muito mais tarde. Assim por exemplo, o sr. Vogel pagou as terras recebidas, por seu pai, quando êste já era falecido, ao preço de 20 mil réis o alqueire! (Mas ou menos 48.000 metros quadrados).

A família Vogel passou por grandes provações e dolorosas humilhações, por parte de seus iguais.

Eduard Christian Vogel, açougueiro de profissão, era chamado por todos, para auxiliar na matança de porcos. Nêsse mistér passava às vezes longos dias fora de casa. Em ocasiões como estas, entrava em

contacto não só com os colonos, mas com tôda a espécie de pessôas. E isto lhe custou caro. É que em consequência de uma infecção, adquiriu uma enfermidade, que até aos nossos dias é olhada com terror, a saber: lepra!

Inexperiente, não soube interpretar os sintomas, não percebendo logo que era portador do terrível mal. Só depois de haver experimentado todos os remédios, e ainda ignorando a exata extensão da enfermidade, decidiu-se por uma viagem à Alemanha, em busca da cura. Partiu, a despeito da avançada idade de 60 anos.

Despediu-se, na esperança de regressar, recuperado ao seio de seus familiares. Teve de renunciar porém, a esta esperança, depois que os especialistas da Alemanha, esclareceram-lhe, em quê consistia realmente o terrível mal, que o assaltara. Já era demasiado tarde para debelar a doença!

Mas a enfermidade não chegara ainda, ao ponto crítico, e o snr. Vogel apressou-se em retornar para cá, advertido de que dentro de três anos, enfrentaria a fase decisiva, em que, ou haveria de morrer, ou passado por ela, sairia vencedor sôbre a enfermidade.

A tragédia, porém consumou-se, e aos 63 anos de idade, o snr. Vogel, sucumbia, vitimado pelo mal de Hansen.

Depois disso, um de seus filhos, constatou a dura verdade, de que fôra atacado pelo mesmo mal! Para o horror da família, a lepra estendeu os tentáculos, e além do pai, sacrificou ainda 4 filhos maiores!

A mãe, dois filhos, uma nora (cujo marido também fôra vitimado) e seus seis filhinhos, escaparam do contágio, como por um milagre.

Êsses sobreviventes, enquanto assistiam aos enfêrmos, sentiram sempre a terrível opressão do expectro do contágio! Isso ainda foi agravado, com as insistentes recomendações dos vizinhos e amigos, que já eram poucos, que fôssem precavidos, e se pusessem a salvo em lugar seguro, deixando os enfêrmos entregues à sua própria sorte!

Tudo isso porém, suportaram com destemor até que o último doente cerrou os olhos para sempre. Mas ainda não era o fim das preocupações. Afligia-os agora a dolorosa interrogação: "Acaso, não trazes também dentro de tí, o germen da lepra?"

Constatou-se, no entanto, que nenhum dos adultos ou das crianças fôra afetado. Depois daquêles cinco sacrifícios, desapareceram inteiramente os vestígios da doença, e nunca mais ela tornou a se manifestar entre os descendentes da família.

Se a enfermidade foi terrível, piores ainda foram as humilhações, que a família teve de suportar.

Todos os amigos e conhecidos, passaram a manter distância e evitar aos que pertenciam à parentela, dos que foram vitimados pela lepra. As crianças não foram recebidas na escola. O sr. Otto Vogel, assim mesmo teve suficiente fôrça de vontade, para aprender a ler e escrever por esforço próprio, aos 40 anos de idade.

Também o irmão de Otto, Ewald Vogel, a despeito de tudo, encontrou uma companheira para a vida, e passou a residir em Santana. E agora, restavam ainda, Otto, sua mãe, a cunhada e os filhos desta. Mais tarde, Otto contraiu núpcias com a cunhada, e com ela vive até hoje, em feliz união.

A sra. Vogel, é filha de Franz Ferdinand Schaper, e natural dêste município, onde nasceu a 12 de Setembro de 1870. Conta portanto agora 86 anos de idade, sendo assim uma das mais antigas descendentes de alemães, aqui radicados.

A vida do casal Vogel, foi um pesado fardo! Unidos souberam carregá-lo galhardamente. Apesar das dificuldades, conseguiram criar todos os seus filhos; tanto os últimos, como aquêles que a sra. Vogel, trouxera do primeiro matrimônio.

Hoje, podem com orgulho e alegria, volver os olhos para o passado, e podem gozar o prêmio compensador das lutas e sacrifícios, pois foi-lhes concedida a graça de viverem tranquilos, o ocaso da vida no feliz convívio dos filhos, netos e bisnetos.

DIVERSAS.

A cidade de Teófilo Otoni, deve a sua prosperidade em primeiro plano, à persistência e à decisão de seus primitivos imigrantes, quer sejam alemães, suiços, austríacos, holandeses ou franceses.

Muitos dêsses pioneiros, que construiram Teófilo Otoni, ficarão perenemente ligados à história da cidade, e merecem ver seus nomes citados, com particular destaque:

Pastor Hollerbach: além de ministro da Comunidade Evangélica Alemã de Teófilo Otoni, foi o primeiro mestre-escola, da cidade. Lecionava nos idiomas alemão e português.

Albert Schirmer: até avançada idade, foi incansável na transmissão de seus profundos conhecimentos aos jovens. Lecionava História, Geografia, Música e Desenho, em português, francês e alemão.

Bruno Rudolph: farmacêutico alemão, residiu 40 anos em Teófilo Otoni. Autor de um dicionário "Botocudo-Alemão". Não há uma versão brasileira dêsse dicionário.

Hermann Oppe: instalou a primeira fundição, no ano de 1868. Transformava ferro velho, em panelas e panelões de cozinha.

Carlos Roedel: confeccionava taças, das cascas do côco e do fruto da sapucaia, produtos que tiveram bôa aceitação.

Zacarias Loesch: fabricava de jacarandá, pequenos cofres de costuras. Graças ao bom gôsto e perfeito acabamento, que revelavam seus trabalhos e aos preços módicos que pedia, foi considerado um marceneiro perfeito.

Hermann Meltzer: instalou a primeira cervejaria e também a primeira fábrica de linguiça. Mais tarde êsses produtos foram fabricados por **Hermann Marx.**

Heinrich Pietsch: natural da Alemanha, foi o primeiro fotógrafo de Teófilo Otoni.

Em cima: **Karl Roedel** (oben)

No centro, à direita: **Johann Marx** (rechts darunter)

Carlos Roedel, marceneiro industrial, foi proprietário da primeira máquina de beneficiar café.

Carlos Roedel, von Beruf Tischler, stellte die erste Kaffeeschaelmaschine in Teófilo Otoni auf.

Eduardo Vogel e familia.

Friedrich Knuepfer: no ano de 1874, realizou-se a primeira exposição de produtos agrícolas. Quase todos os colonos se fizeram representar. Muitos dêles foram distinguidos com um Diploma de Honra. Nessa exposição, o sr. Friedrich Knuepfer, poude demonstrar os excelentes resultados obtidos em sua experiência de cultivar o trigo nesta região.

NACIONALIZAÇÕES

A 3 e 21 de Setembro de 1887, os seguintes imigrantes alemães, suiços e austríacos, prestaram Juramento à Bandeira, recebendo a cidadania brasileira:

A 3 de Setembro:

ALEMÃES:

Albert, Heinrich Gottlieb
Albert, Karl Franz
Brauer, Christian Johann
Braun, Friedrich Reinhold
Burmann, Friedrich Anton
Braun, Johann Friedrich
Dreyer, Johan Christian
Doehler, Friedrich August
Dreyer, Robert Heinrich
Fritsche, Friedrich Karl Gottlieb
Froede, Johann Georg
Fiedler, Hermann
Gundermann, Christian Heinrich
Jordan, Karl Heinrich Ernst
Keller, Franz Robert
Klaus, Karl
Kuhnert, Otto Hermann
Lorenz, Friedrich

Leonhardt, Friedrich Anton
Leonhardt, Gustav Adolph
Lehmann, Johann F. Wilhelm
Loesch, Johann Zacharias
Neumann, Johann Karl Friedrich
Petzold, Christian Friedrich
Roedel, Friedrich August
Reichert, Johann Adam
Schmalz, Eduard
Schmalz, Conrad
Seiffert, Franz Gottlieb
Schimmel, Karl Friedrich
Schaper, Franz Ferdinand
Schmidt, Carl Friedrich
Sedlmeyer, Stephan Albert
Sommerlatte, Karl Otto
Trommer, Friedrich Christian
Vogel, Friedrich Linos
Vogel, Christian Friedrich Eduard
Sedlmeyer, Ludwig

SUIÇOS :

Hoepli, Johann Conrad
Juenger, Aloys
Wirtz, Karl

AUSTRIACOS :

Klier, Friedrich Karl
Rainer, Johann

A 21 de Setembro:

ALEMÃES :

Botte, Gustav Karl Friedrich
Baldow, Gustav Ernst Friedrich
Koch, Hermann
Roedel, Karl Friedrich
Burmann, Otto
Huhn, Karl Friedrich
Roedel, Ludwig Albert.

Nessa época, era presidente da Câmara de Teófilo Otoni, o cidadão **Karl August Langhammer.**

Coletânea de fatos

Se os imigrantes mais recentes, não tiveram de enfrentar tôdas aquelas dificuldades, que tornaram tão penoso o comêço da colonização aos pioneiros, nem por isso faltavam empecilhos de tôda ordem.

Decepções, enfermidades e o ainda desconhecido regime da lavoura sul-americana, são fatores que cobraram pesados tributos. Abateram o ânimo de não poucos homens que pisaram o solo brasileiro confiantes, acariciando grandes projetos. É bem verdade que puderam contar com a ajuda e os bons conselhos daqueles, que já há mais tempo aqui radicados, estavam enfronhados na situação. Porém, cada qual entende que o melhor mestre é sempre a experiência própria. Não fosse tal princípio, muitos incômodos e cuidados teriam sido removidos pelos sábios conselhos dos colonos já experimentados nas lides daqui.

Os fatos que passaremos a relatar, pintam quadros da vida de imigrantes de tôdas as categorias e profissões, aqui radicados há mais ou menos 30 anos. Muitos dêsses fatos são chistosos e seus protagonistas ainda vivem. Por essa razão, para não melindrar a um ou outro, deixaremos de citar nomes. Podemos porém asseverar, que as histórias são de fato verídicas, colhidas em fontes seguras.

Como já foi dito, há 30 anos veio uma leva de imigrantes. Entre êles havia uma família, que, contando pais, filhos, genros e netos, perfazia um total de 12 pessoas. Era chefe dessa prole um ancião respeitável, que em si mesmo encarnava as condições de pai, avô e sôgro.

Êsse pessoal, após demorada viagem de transatlântico, navio costeiro e estrada de ferro, um belo dia deu com os costados em Teófilo Otoni.

Mas não era aqui o fim da linha. Todo o grupo porém teve de conformar-se em aguardar alguns dias pela continuação da viagem, alojado na ampla sala de uma "máquina de café".

Se durante a longa viagem souberam renunciar ao confôrto e enfrentar as privações naturais, qual não foi o espanto, quando já em terra, viveram uma noite verdadeiramente mal assombrada!

Alojados provisòriamente na sala do beneficiador de café, tinham de dar-se por satisfeitos em poder descansar o corpo abatido sôbre o assoalho apenas. A bagagem ainda não fôra descarregada.

Resignadamente cada qual ageitou a cabeça pesada de sono, sôbre um chale ou outra peça dispensável do vestuário.

Mas se a dureza do assoalho já era desfavorável ao descanso, pior ainda uma nova situação que surgiu!

Havia silêncio na ampla sala. Respirava-se o cheiro forte do café. A noite caia. De repente o ambiente calmo foi sacudido pela forte voz de um homem, proferindo imprecações, misturadas com o chôro aflito de mulher!

Conforme se constatou em seguida, a causa de tudo foi a presença de um bando de enormes ratazanas, as quais vieram curiosas, espiar de bem pertinho as caras novas que inesperadamente tinham invadido seus domínios...

Desde êsse momento nem se pensou mais em dormir!

Alguns homens, recortando-se em silhuetas singulares contra a luz mortiça das lamparinas, empunhando enormes facões, investiram a estocadas violentas contra os importunos roedores! E muitos ratos tiveram "morte gloriosa" nessa memorável batalha notúrna. Mas de pouco aproveitou o massacre, porque os lépidos bichinhos tinham indiscutível vantagem numérica!

Ao romper da madrugada, todos se levantaram aliviados, e foram pressurosos em providenciar a continuação da viagem, rumo às glebas definitivas. Mas por vários dias ainda tiveram de esperar.

Mas êstes também passaram, e ei-los aprestados para a partida.

Como era uso, também a família de que trata a nossa história, recebeu como veículo um burro de carga, que trazia uma caixa vazia de querosene pendendo de cada lado da cangalha: eram, ainda que tôscos, os bêrços em que seriam levados os fedelhos.

Depois de passar tudo em revista, para verificar se tudo estava em ordem, o chefe da família, tomando pelo braço a sua esposa, ergueu para o ar o grande bordão que trazia na outra mão, e deu sinal de partida à caravana.

Com pouca animação, trazendo estampada no rosto uma melancólica alegria, o grupo pôs-se em movimento para vencer a última etapa da jornada.

À medida que o Sol subia e o calor aumentava, uns diminuiam o rítmo da marcha, e o grupo andava cada vez mais esparso. Ninguém proferia um dito chistoso.

Ninguém proferia um gracejo, coisas tão a gôsto de quem excursiona. Todos seguiam silenciosos, em marcha arrastada.

Era a época das chuvas. As estradas em péssimas condições, apresentavam obstáculos, que retardavam muito o progresso dos caminhantes.

Dois homens tomaram o encargo de conduzir o jumento, com as crianças. Um dêles, que não largava nunca o seu retorcido cachimbo, ia puxando o orelhudo quadrúpede, pelo cabresto, enquanto subiam para o ar tropical as baforadas azuis do tabaco... O outro vinha à retaguarda, aplicando intermitentes "tacadas" no burros, para acelerar a marcha... mas o animal apenas abanava com a cauda, como se quisésse dar sinal negativo. Só restava ter paciência e ir lento, porém, até certo ponto, seguro.

"Seguro", é apenas uma maneira de dizer, pois até mesmo um jumento, que os homens denominam por "burro", para definir sua suposta ignorância, pode ter lá suas idéias e vontades próprias, e é capaz de ensinar ao mais sábio dos seres humanos, aquilo que o poeta Schiller dizia, em versos: "Com as forças do desconhecido nunca se pode firmar um pacto garantido".

Porém, não nos percamos em divagações. Acompanhemos a viagem da nossa família.

As mulheres, vestindo grossos e compridos vestidos, calçando borzeguins, que nessa época estavam em moda, na Alemanha, avançavam exaustas, com passos arrastados, suor escorrendo pelas faces rubras, e trazendo sôbre a cabeça chapéus "panamá", de largas abas.

Se uma delas por instantes contemplava a longa caravana, com certeza lhe vinha à mente essa definição: "A marcha dos desterrados".

Mas o que se passava lá na vanguarda do grupo? Gritos, imprecações e estalos de açoite!

É que o burro, de pernas retezadas, teimava em não atravessar uma poça de lama. Nem mesmo, quando os argumentos eram puxões violentos no cabresto, empurrões, pancadas e xingações furiosas! O pescoço elásticamente espichado do animal, e as baforadas sempre maiores da locomotiva humana, movida a tabaco, tinham apenas o mérito de demonstrar que a delgada correia do cabresto era de couro bom e resistente...

O homem à retaguarda do jumento, que tentava empurrar o "comboio", para frente, exausto largou de mãos e se pôs a coçar a cabeça como quem quer arrancar da cachola uma idéia, que conseguisse pôr em marcha, ao teimoso quadrúpede.

De repente, aconteceu o inesperado! Inesperado apenas, para os que se empenhavam para fazer o asno andar, pois êste já havia anunciado com a sua relutância, que sabia o que estava por acontecer.

Obedecendo a um impulso repentino, penalizado talvez com as expressões desoladas da comitiva, o jumento deu o tão desejado, passo para a frente... eis que se afundava na lama até às virilhas! E agora sim, as imprecações dos circunstantes atingiram ao seu máximo volume, já misturadas com o chôro amedrontado das crianças, em perigo de vida!

Um dos pais, sem perda de tempo, e sem mesmo descalçar as botas, saltou naquela "sopa" escura, afim de pôr os fedelhos em terra firme, ou melhor dito, alcançá-los às mães, que acorreram pressurosas.

(O leitor faça agora seu próprio juizo, sôbre a cautela dos burros e a temeridade dos homens).

Com muito sacrifício, foi possível arrastar o asno para fora, e colocá-lo em condições de prosseguir na marcha. Em primeiro lugar, extraiu-se a lama das ventas do pobre animal, para que não morresse sufocado.

Os homens também estavam inapresentáveis, sujos de lama da cabeça aos pés! Contudo, apesar de todos os precalços, a caravana atingiu afinal, o ponto final da jornada: a Colônia Francisco Sá.

Ainda na mesma noite da chegada, um preto veio buscar o burro que fôra cedido por empréstimo. Felizmente ninguém entendeu suas reclamações, mas pelas feições, compreendia-se perfeitamente, que

não estava satisfeito com o nosso atrazo. Novas dificuldades apareceram agora.

É que a bagagem ficara atraz, ainda no armazem da estrada de ferro, em Teófilo Otoni. Enquanto os primeiros imigrantes, aqui chegados, tiveram de se recolher a grandes barracões, já agora havia casas à espera dos colonos. Mas diversas famílias tinham de dividir entre si uma só residência.

As mulheres, viram-se em grandes aperturas, quando chegou o momento de preparar a primeira refeição (até aqui fôramos pensionados no que se refere à comida.) Não havia panelas ou outro talhe Nessa emergência foram usadas latas de todos os tipos, gentilmente cedidas por outras pessôas.

Se é verdade, que as refeições até aqui servidas, puseram as mulheres ao par da cozinha brasileira, cousa muito diferente, era saber como se preparava o aqui costumeiro prato de feijão com arroz. E nos primeiros tempos as refeições de fato não eram lá grande cousa, mas aos poucos, as mulheres se enfronharam inteiramente nos segrêdos de uma gostosa feijoada.

Porém, onde comprar mantimento? Êste era outro problema!

Na vendola próxima havia alguma cousa. Por causa da diferença das linguas, pedia-se os artigos ao vendeiro, por meio de gestos e sinais...

Uma grande decepção nos estava reservada: o feijão que conseguimos comprar, era velho e inteiramente carcomido! Tão logo isso foi constatado, todos voltaram para devolvê-lo ao negociante. Este porém, com a cara mais espantada do mundo, deu a entender, que nunca havia visto aquêle feijão, quanto menos impingido à freguesia... Todos os protestos foram inúteis. O vendeiro os contestava com um sorriso vago de quem não se dá por achado. Apresentou, isso sim, feijão de melhor qualidade, mas aceitar a devolução, ou reembolsar-nos o dinheiro correspondente ao feijão imprestável, era uma hipótese que êle não admitia de forma alguma!

Bem, ficamos um pouquinho mais pobres em dinheiro, porém enriquecidos em experiência e de sobreaviso para o futuro.

Outro problema, urgente, era a consecução de leite — alimento indispensável para as crianças. Fazia-se mistér a posse de uma bôa cabra leiteira.

E nêsse projeto, logo se calculava com manteiga, coalhada e queijo, além do leite. Tais perspectivas já nos faziam antegozar os nutritivos laticinios. Lógico, que também viriam os cabritinhos... e então não faltaria sôbre a mesa, um saboroso assado de carne o que viria reforçar em muito, o parco cardápio.

Não é bom adiar para amanhã os propósitos de hoje, e porisso saiu-se imediatamente em busca de um criador de caprinos. Pouco depois, estava-se diante de um produtor de leite, de primeira classe... conforme repetia com insistência o seu proprietário. O bichinho não era lá de grande porte, em comparação com os caprinos de nossa

terra natal. O ubere, de pouca aparência, punha em dúvida as qualidades excepcionais, que eram atribuidas à cabra. Mas afinal, pagou-se o preço exigido, pois os modos do vendedor diziam da sinceridade do homem.

Parecia impossível, que se tratasse de um caloteiro, com aquêle bodegueiro, que nos impingira os tais feijões carunchados. Ademais, estava-se numa terra, em que tudo era diferente, e porquê então duvidar da excelência de uma cabra, só porque ela era diferente de suas congêneres alemãs?

Estufando de orgulho, o peito pelo bom negócio realizado, os compradores foram conduzindo para casa a berrenta criatura.

Mas o orgulho dos compradores seria de pouca duração...

A princípio, atribuiu-se a ausência dos muitos litros de leite, à pouca habilidade do mungidor. Sucessivamente todos fizeram suas tentativas, na esperança de encher uma bilha um pouco maior. Depois que foram baldadas tôdas às experiências, para alcançar-se uma produção maior, começou a temer-se até mesmo que aquela minguada produção de ¼ de litro por dia, não duraria muito tempo... Havia apenas, o mínimo necessário para a alimentação das crianças. E aquelas perspectivas de manteiga, coalhada e queijo, já não passavam de quiméricos sonhos...

Cada um por sí chegou à conclusão, de que fôra absurdo o preço pago pela cabra. Mas para não desencadear recriminações reciprocas, ou levantar dúvidas, quanto a honestidade do que vendera o animal, o que perturbaria a bôa paz, ninguém comentou abertamente o sucedido.

Aos poucos iam sendo concluidas as residências que faltavam, e cessavam os polipeiros, porque cada família instalava-se em casa própria, no pedaço de terra que lhe fôra destinado.

Ainda assim, os trabalhos maiores, eram feitos pelas famílias, em conjunto. Com isso os conhecimentos de cada um eram transmitidos aos outros.

Um dos imigrantes adquiriu um canavial, por preço de ocasião. Calculava tirar dalí o açúcar suficiente para o gasto da casa. Um vizinho então expôs-lhe as vantagens de uma prensa manual de cana e mostrou-lhe a que êle mesmo possuia.

Imediatamente iniciou-se a construção de um tal engenho, e uma vez pronto, começou a fabricação de açúcar, com o auxílio de um parente. Ou melhor dito, começou a fabricação de rapadura.

Os facões foram caprichosamente amolados, e em seguida passou-se ao corte da cana, com renovado ânimo e vontade de trabalhar.

Mas como muitas cousas na vida, fáceis na imaginação, porém difíceis na prática, os nossos "industriais" perceberam logo que aquêle serviço era espinhoso para principiantes.

Como se sabe, as fôlhas e a parte superior da cana, são cobertas por uma penugem espicacenta que provoca grande comichão nas mãos. Tanto mais intensa, quanto menos as mãos estiverem afeitas a êsse serviço. Os dois homens foram vítimas da própria inexperiência. Mas como o gênio germânico é habilidoso, não demorou a solução para o caso. Ora, para que existiam as capas de chuva e as luvas? Estava aí a proteção contra a penugem espicacenta da cana!

Qual dois gigantes da antiguidade, que de espada em punho, abriam brechas nas tropas inimigas, os dois colonos derrubavam valentamente, cana em quantidade!

Porém, em meio do rítmo febril do trabalho, um dêles saltou repentinamente para traz, tão assustado como se fôra picado por uma tarântula! Pisando de máu geito sôbre uma cana, deu com os fundilhos no chão, mas como rapidez felina, como que se tivesse molas, pôs-se em pé novamente!

Tão rápida foi a cena, que o seu companheiro próximo, chamado em socorro, só poude reconstituí-la para si mentalmente, pelas marcas, que a queda deixára imprimidas na terra fôfa. Uma enorme caranguejeira que os dois contemplavam estatelados, havia motivado aquela queda espetacular. Pelas referências que tinham a respeito de tão repelente animal, sabiam ambos que a sua mordedura era altamente venenosa. Era preciso matar o perigoso monstro! Mas de que maneira golpeá-lo, se êle se movimentava semi-oculto sob a folhagem da cana? Aos golpes de facão? E se acaso fôsse atingido só de leve, e enfurecido êle armasse o tão temido salto sôbre seus agressores? Nisso acudiu fulgurante a idéia salvadora: o revólver!

E da idéia ao ato foi só uma fração de segundo, e já ecoavam os estampidos da arma de fogo. Quando acabou a carga da arma, a caranguejeira estava reduzida a frangalhos...

Sucessos dessa natureza hoje provocam risos. Mas naquele tempo, quem conhecia a fauna nativa?

Johanna Christliebe Fidelschuster
Avoenga da Familia Schaper
1826—1921
Stammutter der Fam. Schaper
geb. 25. Januar 1826
in Reichenbach/Vgtld.
gest. 8. August 1921, in Teófilo Otoni.

Incidente parecido viveu um outro componente do grupo. Êste, quando ao cair da tarde vinha voltando da lavoura, carregando sôbre os ombros lenha para o fogão, viu de longe que lá de casa sua mãe lhe fazia sinais para que se aproximasse com tôda a cautela. Depôs a lenha sôbre a terra, e obedecendo aos sinais, dirigiu-se com cuidado em direção do lugar em que se encontrava sua progenitora, e foi cientificado de que haviam sido vistos movimentos estranhos por entre a rama da plantação de batata doce, que cobria todo o aclive que ia desde os fundos da casa até a beira do mato. Afilando a vista na direção indicada, viu também movimentos, que já agora ao lusco-fusco do crepúsculo, pareciam tanto mais estranhos. Era uma espécie de bola, que aparecia e desaparecia entre o barraço. Para melhor apurar de que se tratava, o nosso investigador deu um tiro de revólver naquela direção. E conforme era de esperar, o quadro de fato se modificou de imediato: o desconhecido sêr pôs-se em movimento numa singular maneira de se locomover e veio descendo o batatal em direção ao nosso agricultor! Novos e sucessivos disparos foram feitos, mas a

coisa não se deixou deter em sua marcha! Só parou ao alcançar o local exato onde o nosso valente defensor estivera... até segundos antes. Ali quedou-se imóvel. Com todo o cuidado o nosso homem foi chegando... chegando... para decifrar o enigma. Verificou, conforme explicou mais tarde um conhecedor da fauna, que se tratava apenas de um bem nutrido tatú...

Apurou-se também que êle descera de forma tão singular a ladeira em direção ao atirador apavorado, porque já não andava. Vinha rolando inerte, abatido pelo primeiro disparo...

Se estas histórias fazem aflorar um riso no canto da bôca, nem por isso havemos de classificar de ignorantes os nossos antepasado, então ainda inexperientes nesse setor. Tôdas as pessoas de que tratam êstes relatos eram, pelo contrário, personalidades de grande envergadura mental. Vindos de uma terra em que as condições de vida, usos e costumes eram bem outros, souberam suprir magistralmente as deficiências e vencer as dificuldades e privações de vida campesina.

E ainda hoje, caso o homem da cidade passasse de um momento para outro à condição de agricultor, sua inexperiência faria incidí-lo muitas vezes em idênticos equívocos e cometer tôda a gama de patacoadas.

Nem seria preciso que viesse da Alemanha. Bastaria que fosse de qualquer grande metrópole de nossa terra mesmo.

Uma das mais belas virtudes é sem dúvida a solidariedade. Quanto a isso, os nossos colonos podem ser considerados um paradigma.

Quando por exemplo um dos agricultores foi picado por uma serpente venenosa e seu estado piorasse, a despeito da imediata aplicação de sôro anti-ofídico, logo se prontificavam 20 pessoas, entre varões e jovens, para transportar o enfêrmo até a cidade, em busca de assistência médica.

As estradas de então, que nem de longe podem ser comparadas com as de hoje, encontravam-se em péssimo estado devido as chuvas. Tôdas as pontes haviam sido carregadas pelas enxurradas. Raríssimos eram os animais de montaria. Dêste modo a caravana, conduzindo o doente, estava na contingência de pôr-se em marcha a pé. O enfêrmo foi posto sôbre uma espécie de colchão e êste por sua vez preso pelas quatro pontas a um varal comprido e forte. Dois homens em cada extremidade iam levando o varal sôbre os ombros. Os carregadores revesavam-se a alturas convencionadas do trajeto. Um varão mais idoso ia à frente para regular o ritmo da marcha. Declives escorregadios, ou pântanos inevitáveis, retardavam e dificultavam em muito o progresso da caminhada. Onde não existiam pontas e os córregos tinham-se transfomado em verdadeiros rios, a tarefa tocava aos homens de maior estatura, e mesmo assim muitas vezes a água lhes chegava até aos ombros, obrigando-os ainda a suspender a já pesada carga para

As três candidatas para a "Rainha do Centenário da Colonisação"

Maria-Helene Sedlmayer

Katharina Rohm

Vera Laure

cima. E assim, apesar de haverem partido bem cedinho, só ao cair da noite alcançaram a cidade em busca de socorro médico.

A história dos primeiros anos de colonização está cheia de edificantes exemplos de solidariedade. Não nos são conhecidos todos êles. Mas mesmo sem citá-los, temos aí um fato que deve dar motivo à muita meditação de nossa parte. Solidariedade e amor ao próximo, são virtudes pouco conhecidas em nossa era atômica! Necessário se faz, que a humanidade faça introspecção, para não esquecê-las.

Nossos antepassados deixaram-nos muitos alentadores exemplos nêsse sentido, mas, a segui-los, prefere-se em geral a cômodo alternativa de dizer apenas: "Ah, bons tempos eram aquêles!"

O SEMEADOR

Machado de Assis

Vós que hoje colheis por êsses campos largos
O doce fruto e a flor,
Acaso esquecereis os ásperos e amargos
Tempos do semeador?

Rude era o chão; agreste e longo aquêle dia;
Contudo êsses heróis
Souberam resistir na afanosa porfia
Aos temporais e aos sóes.

Poucos; mas a vontade aos poucos multiplica,
E a fé, e as orações
Fizeram transformar a terra pobre em rica
E os centos em milhões!